

Fedor de Nazismo
Paradigma-Conquista
Deus lhe pague
Fecundidade, simples procriação?
Estórias e reflexões
O preço da liberdade

Poema

Pais, não subornem seus filhos
Flora, seiva de vida
A vida que renasce
A lógica da barbárie
Não fique tão sério
Posse de armas

Ensino religioso obrigatório
Promessas matrimoniais
Maria do Silêncio
Cobranças
Sentença

Reflexão sobre a arte de ouvir
Pedofilia, o desejo perverso
O ovo e a galinha
Príncipes ou pastores?
Uma certa Boa-Nova
Encontro de Noivos
O fogo e a brasa
Justiça Restaurativa
Os tenores

Competição ou cooperação
Milho de pipoca
Onde mora a esperança
Que bom ter nascido no século XX
Teste de História



Movimento Familiar Cristão - MFC
...em tempo de máscaras arrancadas

- Fedor de Nazismo, 2** Editorial
Paradigma-Conquista, 5 - Leonardo Boff
Deus lhe pague, 7 Maria Clara Bingemer
Fecundidade, simples procriação?
Deonira La Rosa
Estórias e reflexões, 13 Rubem Alves
Foto, fato e razão, 17
O preço da liberdade, 18
Helio e Selma Amorim
Poema, 21 Beatriz Reis
País, não subornem seus filhos, 22
Jorge La Rosa
Flora, seiva de vida, 25
Marília e Renato Azevedo
A vida que renasce, 26 Ana Maria Tepedino
A lógica da barbárie, 30 J. K. Galbraith
Não fique tão sério, 35
Posse de armas, 38 Rachel de Queiroz
Ensino religioso obrigatório, 43
Promessas matrimoniais, 44
Mário Quintana
Maria do Silêncio, 46 Antonio Allgayer
Cobranças, 49 Frei Betto
Sentença, 51 João Batista Herkenhoff
Reflexão sobre a arte de ouvir, 52
Arthur da Távola
Pedofilia, o desejo perverso, 54
Marcos Rolim
O ovo e a galinha, 56 Frei Betto
Príncipes ou pastores? 59 Pe. Zezinho
Uma certa Boa-Nova, 61 Ivone Gebara
Encontro de Noivos, 65
MFC-Bahia e Deonira La Rosa
O fogo e a brasa, 68
Justiça Restaurativa, 69 Marcos Rolim
Os tenores, 71 Rubens Nunes de Andrade
Competição ou cooperação, 73
Leonardo Boff
Milho de pipoca, 75
Leopoldo e Rosália, MFC Ouro Branco
Onde mora a esperança, 76 Marcelo Barros
Que bom ter nascido no século XX, 78
Teste de História, 80

Conversando com o leitor

Cada novo número da sua revista, caro leitor, resulta de um trabalho de parto dos editores, carregado de ansiedade e suor, que termina com a alegria de acariciar o novo rebento...

Assim lhe entregamos, apreciado amigo, mais um produto dessa gestação laboriosa, torcendo para que seja acolhido como útil veículo de informação e formação, agradável leitura e instrumento de trabalho. Muitos leitores confirmam que utilizam a sua revista em reuniões, seminários e encontros de formação.

Neste número, há um pouco de tudo: de relações conjugais e familiares a questões sociais e políticas, internas e externas, de fome e guerras, matérias sobre ética, teologia e comportamentos humanos, exemplares ou condenáveis. E muito mais.

Assim, tentamos cobrir todos os variados interesses dos nossos amáveis leitores. Melhor faremos se recebermos suas avaliações e sugestões para os próximos números.

Também contamos com a sua colaboração para tornar a sua revista mais conhecida, oferecida como presente valioso a cada amigo, caro leitor.

S. & H. A.

Movimento Familiar Cristão Conselho Diretor Nacional

Mozart e Geralda (Didi) Carvalho
Célio e Felicidade Silva
José Américo e Maria Marlete Sá
Vando e Neuzemi Maria Oliveira
Francisco e Laura de Souza
Maria Sebastiana (Sebá) Leão

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Rua S. João, 25 - sobre-loja
24020-040 Niterói - RJ
Tel/fax (21) 2629-7163
E-mail: fatorazao@primyl..com.br

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Fotolitos e impressão

Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 2621-5278
Fax (21) 2722-3777

Capa

Rosas pelos mortos nas
guerras sangrentas destes
tempos de insanidade e
mentiras

Data desta edição: Agosto 2004.

EDITORIAL

FEDOR DE NAZISMO

A foto de uma mulher em uniforme militar, publicada nos jornais e revistas, era a réplica facial perfeita de uma daquelas perversas comandantes femininas de campos de extermínio, como retratadas nos filmes americanos sobre o nazismo.

Mas a legenda esclarecia: não era foto de atriz representando uma típica carrasca nazista. Na verdade uma generala (?) americana, Janis Karpinski, comandante das prisões iraquianas onde barbaridades impensáveis foram praticadas por criminosos fardados do exército invasor.

As fotos repugnantes correram mundo, aumentando o sentimento anti-americano deflagrado por G. W. Bush e meia dúzia de falcões, seus péssimos conselheiros e cúmplices, todos com direito a julgamento futuro na Corte de Haia por desrespeito às leis internacionais e aos direitos humanos fundamentais.

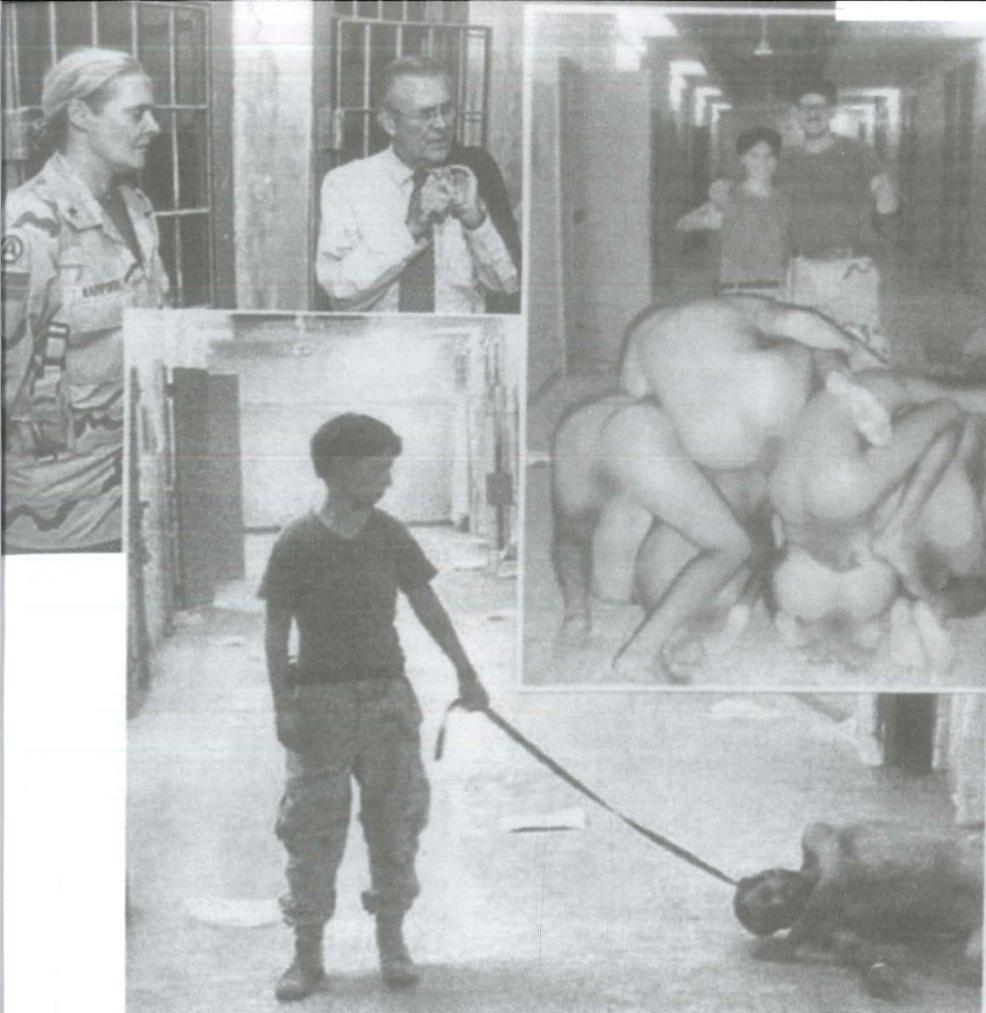
A barbárie das torturas, neste revoltante episódio da prisão de Abu Ghraib, acobertadas pelo general Ricardo Sánchez, a mais alta patente americana no Iraque, tem pesados agravantes, por não se ter limitado à estupidez dos castigos físicos. A perversidade foi levada a uma sofisticação rara: a

agressão a valores culturais, morais e religiosos dos prisioneiros muçulmanos. A nudez exibida diante de militares mulheres, as degradantes práticas sexuais individuais e grupais, forçadas e filmadas, diante das gargalhadas de carcereiros de ambos os性os tudo previsto nos manuais da CIA como práticas desmoralizadoras válidas para preparar os prisioneiros para interrogatórios.

O acento sexual na tortura terá certamente relação com o fato de os torturadores viverem no país campeão mundial da produção de pornografia que leva a sexualidade ao seu nível mais baixo de degradação através de milhares de sites via Internet.

Foram mais longe, obrigando os prisioneiros a abjurar a sua fé, proclamando aos berros, sob a mira de instrumentos de tortura, seu repúdio ao Islã e forçados a comer alimentos proibidos por sua religião.

O poder de desestruturação psíquica e moral dessa agressão é incalculável e ignorada por torturadores imbecis, que sabidamente nada conhecem de outras culturas, crenças e costumes de fora das suas fronteiras. Tem fedor de nazismo.



Não consta do noticiário o perfil dos torturadores. Arrepia-nos a possibilidade de, entrevistados, se dizerem cristãos ou judeus, religiões que formam a quase totalidade do povo americano. Melhor não perguntar. Porque se assim for, ignoram ou terão esquecido os milhões que morreram por serem cristãos ou judeus recusando abjurar a sua fé. Também ignoram, por certo, que uns e outros são, com os muçulmanos, descendentes

espirituais do mesmo pai Abraão, e formam o trio das religiões monoteístas neste mundo confuso, fiéis a um mesmo Deus que invocam por nomes diferentes.

O episódio Iraque passará à história como um momento forte de degradação civilizatória. A invasão de um país decidida unilateralmente por outro, contra a opinião pública mundial e desprezando decisões contrárias das Nações Unidas, foi

chamada de guerra e, pior, de guerra preventiva. Não foi. O Iraque não declarou guerra. Foi invasão mortífera e destruidora, por interesses econômicos e geopolíticos, "justificada" por mentiras logo desmascaradas, para derrubar um tirano "fabricado" pela própria nação invasora que, uma década antes, lhe forneceu armas, inclusive as químicas de destruição em massa, para serem usadas contra o Irã. Por isso, a certeza de que seriam encontradas. Não sabiam os invasores que o estoque tinha sido totalmente consumido por Saddam, enquanto era seu amigo-do-peito, contra iranianos e curdos.

Não esqueçamos que também Osama bin-Laden é outro produto "made in U.S.A.", criado e armado para uma mobilização terrorista contra os soviéticos que invadiram o Afeganistão, em aventura anterior.

Outro erro de nomenclatura: os iranianos que seguem combatendo os invasores são chamados de "rebeldes", a serem exterminados por se oporem à "libertação" do seu povo empreendida generosamente pela grande nação do ocidente. Passa a ser rebeldia tentar expulsar os invasores do seu país... e a mídia internacional

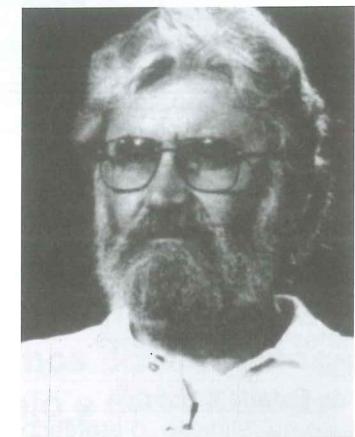
aceita essa impropriedade lingüística até em matérias contra a invasão. Antes da invenção bushiana da guerra preventiva, parece-nos que seriam chamados "patriotas".

Voltando à barbárie em Abu Ghraib, na qual também Saddam mandava praticar torturas não menos estúpidas: Bush anuncia que mandou derrubar a prisão... Será demolida, para evitar que se torne símbolo da aventura americana desastrada naquelas terras. Acabaria transformada em monumento simbólico para visitantes futuros, como foi feito na Alemanha com o campo de extermínio nazista de Dachau, atração turística um tanto mórbida mas valiosa para um mundo de memória curta. Os chargistas de lá e de cá já se esbaldaram, comparando a demolição da prisão com a mundialmente conhecida anedota do marido enganado que resolve tirar o sofá da sala depois do flagrante de adultério da esposa naquela peça do mobiliário doméstico... Mas há a descomunal diferença entre os pecados. O de Bush não tem perdão possível, a menos que se comprove, como atenuante, sua recaída na grave dependência alcoólica de que afirma ter-se livrado...

"O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam. Mas, para os que amam, o tempo é eternidade" (William Shakespeare)

"Dai-nos forças, Senhor, para aceitar com serenidade tudo o que não possa ser mudado. Dai-nos coragem para mudar o que pode e deve ser mudado. E dai-nos sabedoria para distinguir uma coisa da outra." (Almirante Hart)

No conjunto dos seres da natureza, o ser humano ocupa um lugar singular. Por um lado, é parte da natureza por seu enraizamento cósmico e biológico. É fruto da evolução que produziu a vida da qual ele é expressão consciente e inteligente. Por outro, se sobreleva à natureza e intervém nela, criando cultura e coisas que a evolução sem ele jamais criaria como uma cidade, um avião e um quadro de Portinari.



Paradigma-Conquistador

Leonardo Boff*

Por sua natureza, é um ser biologicamente carente pois, à diferença dos animais, não possui nenhum órgão especializado que lhe garanta a subsistência. Por isso, vê-se obrigado a conquistar o seu sustento, modificando o meio, criando assim o seu habitat. Logo cedo no processo de

hominização surgiu, portanto, o paradigma da conquista. Saiu de África de onde irrompeu como "homo erectus", há sete milhões de anos, pôs-se a conquistar o espaço, começando pela Eurásia e terminando pela Oceania. Com o crescimento de seu crânio, evoluiu para "homo habilis", inventando, por

volta de 2,4 milhões de anos atrás, o instrumento que lhe permitiu alargar ainda mais sua capacidade de conquista.

Por comparecer como um ser inteiro mas inacabado (não é defeito mas marca) e tendo que conquistar sua vida, o paradigma da conquista pertence à auto-compreensão do ser humano e de sua história.

Praticamente tudo está sob o signo da conquista: a Terra inteira, os oceanos e os recantos mais inóspitos. Conquistar povos e “dilatar a fé e o império” foi o sonho dos colonizadores. Conquistar os espaços extraterrestres e chegar às estrelas é a utopia dos modernos. Conquistar o segredo da vida e manipular os genes. Conquistar mercados e altas taxas de crescimento, conquistar mais e mais clientes e consumidores. Conquistar o poder de Estado e outros poderes, como religioso, o profético e o político. Conquistar e controlar os anjos e demônios que nos habitam. Conquistar o coração da pessoa amada, conquistar as bênçãos de Deus e conquistar a salvação eterna. Tudo é objeto de conquista. O que ainda nos falta por conquistar?

Insaciável é a vontade de conquista do ser humano. Por isso o paradigma-conquista tem como arquétipos referenciais Alexandre Magno, Hernán Cortez e Napoleão

❖ *Conquistar a austeridade, a auto-limitação, o cuidado, a partilha? Como?*

Bonaparte, os conquistadores que não conheciam nem aceitavam limites.

Depois de milênios, o paradigma-conquista, entrou, em nossos dias, em grave crise. Chega de conquistas senão destruiremos tudo.

Já conquistamos 83% da Terra e nesse afã a devastamos de tal forma que ela ultrapassou em 20% sua capacidade de suporte e regeneração. Chagas se abriram e talvez nunca mais se fecharão.

Precisamos conquistar aquilo que nunca havíamos conquistado antes porque pensávamos que era contraditório: conquistar a auto-limitação, a austeridade compartilhada, o consumo solidário e o cuidado para com todas as coisas para que continuem a existir.

A sobrevivência depende destas anti-conquistas.

Ao arquétipo Alexandre Magno, Hernán Cortez e Napoleão Bonaparte, da conquista, há que se contrapor o arquétipo Francisco de Assis, Gandhi, Madre Teresa e Irmã Dulce, do cuidado essencial. Não há tempo a perder. Devemos começar conosco, com as revoluções moleculares. Por elas garantiremos as novas virtudes que nos salvarão a todos.

*Teólogo



Está tão difícil hoje em dia escrever sobre coisas alegres e boas! Coisas ou pessoas que alarguem e dilatem nossos espaços interiores e nos façam sentir nos lábios e coração o sabor insubstituível de viver. Coisas ou pessoas que nos presenteiem com beleza, grandeza, elevação de espírito e profundidade de alma. Coisas ou pessoas que nos façam sentir orgulho de sermos humanos e de experimentar à flor da pele a graça de sairmos continuamente do desejo e das mãos do Criador de tudo que existe!

Deus lhe pague

Maria Clara Lucchetti Bingemer*

Agora, no entanto, esta oportunidade nos foi dada. Chico Buarque fez sessenta anos de olhos verdes e de talento. Escrever sobre ele nos enche de ânimo e já nos abre a disponibilidade positiva, tão alerta e defendida por só receber más notícias nos últimos tempos: violência, recessão econômica,

morte, medo, pavor. Este belo homem, com cara de garoto e enormes e profundos olhos verdes tem, inegavelmente, povoado nossa vida e a de nosso sofrido povo brasileiro com torrentes de talentosas criações musicais que passaram a fazer parte de nosso cotidiano e que cantamos em todas

as ocasiões: em uma roda de violão com amigos, na rua, abraçados com o namorado, sozinhos no banheiro ou em qualquer outro lugar.

A poesia de Chico Buarque entra em nossos ouvidos e avisa que veio para ficar. Quanto mais se ouve, mais se gosta, mais se repete, mais se canta e mais nos encanta.

No entanto, é tudo menos "light" e descompromissada a lira de Chico. Suas belíssimas composições são densas, cheias de um profundo conteúdo que leva à reflexão, à meditação, e também ao compromisso e à tomada de posição sobre determinadas situações vitais. Despertam o que há de melhor nos sentimentos humanos como a ternura, a compaixão, o encantamento; mas também, e não menos, a indignação ética, a mobilização, a solidariedade e a coragem de gritar e denunciar as injustiças.

Quem de nós já não vibrou de emoção e de desejo de lutar por um mundo melhor e mais humano ao ouvir "Construção", "Deus lhe pague", "Vai passar"? A inspiração de Chico retratou como ninguém o Brasil da Belíndia, injusto, dos contrastes chocantes e revoltantes, dos pobres humilhados por um regime opressor e nababesco, que se mantém às custas de muitas vidas pisoteadas e encurtadas pela pobreza e a opressão.

Sobretudo na época da repressão, quando Chico teve que exilar-se na Itália, fugindo de uma provável perseguição política provocada

pela verdade que seu talento não hesitava em fazer palavra musicada, sua poesia chegava até nós, abrindo-nos os olhos enquanto povo para o fato de que "a coisa aqui estava preta", mas dando-nos também a esperança de que "apesar de você, amanhã há de ser outro dia."

Sua sensibilidade penetrou fundo na vida miúda daqueles que lutam pelo pão de cada dia e "só pensam em poder parar, mas se calam com a boca de feijão", que fazem "o amor mal feito, depressa," porque há que "fazer a barba e partir", ou que se arriscam nos andaimes das grandes construções onde se lava o dinheiro mal ganho, erguem as paredes como máquinas humanas e tantas vezes acabam "morrendo na contramão, atrapalhando o tráfego". E ainda têm que agradecer "por este pão pra comer, por este chão pra dormir, por me deixar respirar, por me deixar existir".

Ao lado deste gênero, Chico é também o grande cantor da mulher. Talvez, ao lado de Vinicius de Moraes, não haja ninguém que tenha entendido e captado tão bem a sensibilidade feminina como ele. Desde o desespero da mulher de "Bastidores", cantora de cabaré abandonada que chora até ficar com dó de si própria; passando pelas amantes e amadas fáceis e volúveis de "Folhetim" e "Sob medida", que se ajeitam com um bombom Sonho de Valsa, uma pedra falsa ou um corte de cetim; até as protagonistas das grandes paixões e dos grandes amores, que são "pedaço de mim, metade exilada, amputada,

arrancada de mim" e que querem ficar no corpo do amado "feito tatuagem, para lhes dar coragem de seguir viagem quando a noite vem."

Se a mulher ainda é tão sem voz em nosso país, Chico Buarque a elas emprestou sua lira e sua voz, intérprete certeiro da mulher que sofre sobretudo por ser mulher e amar demais. Até uma freira e uma prostituta o gênio criativo de Chico confrontou, com sua inesquecível "Umas e outras", onde "a que sonhou com Deus" e a que "deitou com os seus" encontram-se na mesma rua, olhando-se com a mesma dor.

Por isso, e muito mais, a música de Chico tem algo, tem muito de profético. E por isso serve de inspiração para todos os que, crentes ou não, sonhamos com um mundo mais humano. Desconheço

a filiação religiosa e o mundo interior de Chico. Meu acesso a ele é apenas através de suas composições.

Mas certamente uma inspiração tão fecunda e profunda tem um parentesco inegável com a inspiração que desde sempre abriu a boca dos profetas e com ela sintonizou a lira dos poetas.

Certamente poeta, implícito profeta, creio que hoje, nesta comemoração de seus sessenta anos, Deus nos manda agradecer a fonte de inspiração, conscientização, arte e beleza que tem sido para nós. E dizer-lhe, humilde e alegremente, usando o título de uma de suas mais fortes e engajadas canções: "Deus lhe pague"!

*Teóloga

Como é mesmo?

"Ontem, ontem tinha agá, hoje não tem. Hoje ontem tinha agá e hoje, como ontem, também tem."

"Todo homem nasce original e morre plágio."

(Millôr Fernandes)

Leia e assine *Rede*

- uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Pastor Edson Almeida, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Pe. Virgílio Uchoa.

Basta telefonar para a *Rede de Cristãos das Classes Médias*, dar nome e endereço e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

Deonira Viganó La Rosa*

FECUNDIDADE simples procriação?

Todo amor é fecundo. Gerar é próprio do amor e a geração de novos seres é inerente à essência do casamento. Ao menos em algum momento da vida em comum, os casais se emocionam e se encantam com a possibilidade de transmitir vida a um novo ser. Vibram com a chance de redescobrir-se no filho, plenitude de sua aliança. Entusiasmam-se quando pensam que seu amor mútuo poderá abastecer a vida do filho e torná-lo mais forte como pessoa humanizada e humanizadora.

O que, talvez, os casais não estejam habituados a pensar é a abrangência da "fecundidade". Por várias razões, podem estar acostumados a reduzir o conceito a uma simples procriação biológica: quantos filhos queremos ter?

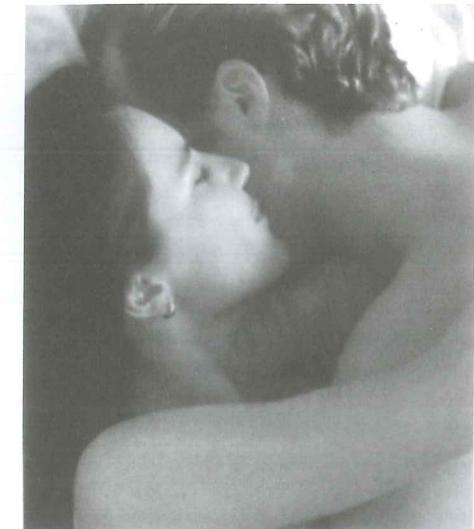
Quando? Como? E se não tivermos filhos?...

Entretanto, há outras dimensões da fecundidade, na vida matrimonial, que necessitam ser questionadas e assumidas pelo casal. Uma primeira é a *geração do "nós"*, ou seja, a criação e recriação da *vida comum* do casal, sem que cada um perca sua identidade. Por vezes, o casal se torna estéril neste aspecto: um deles não só não cresce, como também impede o crescimento do outro. Se o *nós* não for fecundo para os dois, o amor que circula entre o *eu* e o *tu*, tende a ser sufocado. Deixa de nascer, aqui, a entidade chamada "comunidade marital".

A fecundidade, necessariamente, possui *dimensão político-social*. Esta supõe renúncia de interesses próprios em favor de interesse maior da comunidade humana. A convivência amorosa no casamento é por si só transformadora da sociedade. Nela, a relação se faz aprendizagem de atenção, de carinho, de solidariedade, de ética, de não subjugação ao mercado, de repúdio à dominação e ao comportamento grosseiro e inescrupuloso. Enfim, aprende-se a convivência amorosa no cotidiano, nas ações, na generosidade, no serviço.

Percebe-se, então, que a fecundidade dentro do matrimônio não se esgota e não se reduz à procriação. Procriação e fecundidade são conceitos que não se repelem, mas também não coincidem. A fecundidade não ocorre exclusivamente no plano biológico-natural, mas inclui o plano histórico-cultural e espiritual.

Casais individualistas podem estar destruindo seu potencial de fecundidade. Casais que educam seus filhos continuam gerando, e casais sem filhos podem ser fecundos em termos de humanização. E o serão, certamente, se e enquanto gerarem amor traduzido em prática. A fecundidade dá à luz valores no mais amplo espectro das relações humanas. Nessa medida, se cumprirá a ordem: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a" (Gn 1, 28).



- ❖ Somos, nesse sentido, um "casal fecundo"?
- ❖ Estamos, de fato, construindo um "nós" em nossa vida conjugal?
- ❖ Crescemos juntos, como pessoas humanas, em todas as dimensões do nosso ser?

Gostaria que seu marido mudasse?

Então, tente mudar você mesma. Comece por *aceitar seu homem como ele é*, e não como você gostaria que ele fosse. Um cavalheiro precisa ser aceito, apreciado e aprovado -

especialmente pela mulher da sua vida.

O contrário da aceitação é a *rejeição*. O homem odeia a rejeição. A mulher também, claro. Mas o homem é particularmente sensível,

porque ele encara a rejeição como um ataque à sua *virilidade*. Seu desejo de evitar a rejeição é tão forte que, se ele perceber que você o rejeita, vai correr na sua frente e rejeitá-la primeiro.

Aceitar o marido como ele é significa *não tentar mudá-lo*. Você talvez consiga que ele mude algumas coisas - tirar o lixo de seu escritório, estender a toalha molhada, acompanhá-la ao cinema de vez em quando, ficar menos horas no computador -, mas não pode mudar quem ele é e, se tentar, ele vai se ressentir muito.

Isso não quer dizer que você deve *a-do-rar* tudo o que seu marido faz. Mas, se estiver aborrecida com ele, tente expressar seus sentimentos sem acusá-lo ou culpá-lo (Bom desafio para sua criatividade!). Em nossa sociedade, o homem está treinado para se defender de qualquer coisa que seja percebida como um ataque. Se você o fizer ficar na defensiva, ele não jogará mais no seu time.

Aceitar seu homem como ele é não significa que você deva reduzir-se à uma gelatina pastosa que se adapta a qualquer vasilha - e não espere que ele faça o mesmo por

- ❖ Estará acontecendo uma “crise de aceitação” recíproca na vida dos casais? Por que tantas separações?
- ❖ Aceitar o outro, diferente, tem sido complicado na vida dos casais?
- ❖ Que conselhos daríamos a casais que vivem essa crise?

você. Aceitação não é sinônimo de submissão. Antes, significa respeito. Ou será que é você quem sabe o que é ideal para ele?

A grande aceitação do homem é a aceitação sexual. O homem, em geral, deseja sexo com maior freqüência e é aí que pode experimentar a odiosa rejeição. Quando a deseja e você o repele, ele sente aquela dor e, se esse é seu comportamento mais ou menos regular, ele começa a rejeitar aquela mulher por quem se sente rejeitado (você!). Também é verdade que você não deve aceitar sexo se não está disposta, mas, há muitas coisas que você pode dizer ou fazer, sem que ele se sinta rejeitado. Ele se sentirá até lisonjeado, depende de você.

E se você não quiser aceitar o sujeito? Bem, se você simplesmente não consegue aceitar o homem que está na sua vida como ele é - ou ele não consegue aceitá-la como você é - então, a situação deve ser repensada. Se você estiver envolvida nesse tipo de relacionamento, peça ajuda para resolver-se. Aceitação é uma coisa que não se consegue fingir, precisa sentir.

Rubem Alves*

Estórias & Reflexões

A princesinha de cuja boca saltavam sapos

Minha mãe me contava estórias. Contou-me a estória da menina que a madrasta enterrou por ter deixado que um passarinho bicasse um figo da figueira e cujos cabelos nasceram no jardim como relva verde.

Contou-me a estória do macaco trocador e que a cada troca cantava um refrãozinho: “Jingue le jingue que eu vou para Angola”.

Aprendi depois que ela ouvira esta estória da escrava forra laiá, que tomou conta dela quando pequena.

Contou-me também a estória de uma princesinha, linda, linda, linda! Todos os moços se apaixonavam por ela. Até que ela abrisse a boca para falar. Quando ela falava, ao invés de palavras, saltavam de sua boca sapos e mais sapos. E se o interlocutor não fosse esperto o sapo grudaria no seu rosto.

Ai, como essa estória é verdadeira! Todo mundo, de vez em quando, fala sapos, diz cobras e lagartos.

Textos bíblicos que eu gosto

“Come teu pão com alegria e bebe contente o teu vinho, porque Deus se agrada das tuas obras. Usa sempre vestes brancas e não falte óleo perfumado sobre a tua cabeça. Goza tua vida com quem tu amas todos os dias da tua vida que logo passa...” (Ec 9,7-9). 10).

“Não há outra felicidade para o homem senão alegrar-se... E é igualmente uma dádiva de Deus o homem comer e beber e, mediante o seu trabalho, desfrutar da felicidade.” (Ec 3,12-13).

Na minha vida ouvi centenas de sermões. A maioria sobre o perigo do inferno e a necessidade de ser bom para Deus não se aborrecer com a gente. Nunca ouvi um sermão sobre esses textos. Parece que eles causam medo, por louvarem o prazer, a alegria, o amor, o comer, o beber.

O cristianismo tem-se nutrido do medo do prazer e da alegria. As feridas, o sangue, o tenebroso são mais persuasivos. Os pregadores e igrejas estabelecem seus próprios menus de textos deixando os outros de fora.

Inteligência fulgurante

Tive um primo de inteligência fulgurante. Éramos da mesma idade. Aos oitos anos brincávamos de soldadinhos de chumbo. Mas o seu prazer era um Dicionário Comparativo de Português, Francês, Inglês e Alemão que estava fazendo.

Eu olhava para aquele livro enorme de capa preta, daqueles que os contadores usavam para registrar a contabilidade de firmas, cada página dividida em quatro colunas, uma para cada língua. Na escola, quando tirava 98 numa prova, ele batia com a palma da mão na testa em desespero e dizia: "Fracassei". Dele jamais se poderia dizer que foi mau aluno. Seu brilho prometia uma vida de vitórias. Adulto, pela manhã, ao levantar, o seu primeiro gesto era ligar a fita da língua que estava aprendendo. Veio a conhecer doze línguas. Não sei direito para quê. Que utilidade poderia ter para ele a língua húngara? Os benefícios de falar húngaro eram desproporcionais ao esforço de aprendizagem. Como psicanalista, pergunto: Será que ele estava em busca da língua desconhecida que lhe permitiria entender a Babel da sua alma?

Muitos brilhos são chamas de um coração infeliz. Lançou-se do sétimo andar de um prédio. Não suportou o sentimento de fracasso que lhe deu um discurso pelos seus critérios o tal discurso não era merecedor da nota 10. Matou-se por não suportar a vergonha de um pequeno fracasso. Esse é o perigo

do perfeccionismo. Não conheço nenhum estudo que explore as relações entre genialidade e loucura. Mas deve haver.

Conheci um homem que se vangloriava por ter um QI acima de 200. E tinha mesmo uma carteirinha de um clube de gênios com QI acima de 200 que sempre levava consigo. Acho que para certificar-se de que era inteligente. Quando os outros não concordavam com ele, julgava-os burros e ele, um incompreendido. Autoritário. Quem se julga possuidor de QI 200 tem de ser autoritário. Não saltou do 7º andar, apesar de ser um chato presunçoso. Não sei onde andará. Suspeito que se tenha mudado para o país dos homens com QI acima de 200.

Viviam num país do oriente 5 cegos

Viviam num país do oriente 5 cegos que mendigavam juntos à beira de um caminho. Eram amigos em virtude de seu infortúnio comum. Todos tinham um grande desejo. Já haviam ouvido falar de um animal extraordinário, enorme, chamado elefante. Tão maravilhoso era o dito animal que muitos afirmavam que ele era divino.

Mas eles, pobres cegos, nunca haviam estado com um elefante. Ah! Como gostariam de conhecer um elefante. Aconteceu, porque Alá

ouviu suas preces, que um domador de elefantes foi por aquele caminho conduzindo seu animal. Foi uma festa! A criançada gritando, homens e mulheres falando. Ouvindo tal rebuliço, os cegos perguntaram:

"O que está acontecendo?"
"Um elefante, um elefante", responderam.

Eles se encheram de alegria e pediram ao domador que os deixasse tocar o elefante, já que ver não podiam. O domador parou o animal e os cegos aproximaram-se.

Um deles foi pela traseira, agarrou o rabo do elefante e ficou encantado. O segundo foi pelo lado, abraçou uma perna e ficou encantado. O terceiro apalpou o lado do elefante e ficou encantado. O quarto passou as mãos nas orelhas do elefante e ficou encantado. E o último segurou a tromba e ficou encantado. Ido o elefante, os cegos começaram a conversar:

"Quem diria que o elefante é como uma corda!", disse o primeiro.
"Corda coisa nenhuma", disse o segundo.

"É como uma palmeira".
"Vocês estão loucos", disse o terceiro.
"O elefante é como um muro muito alto."

"Vocês não são só cegos dos olhos", disse o quarto, "são também cegos da cabeça. Pois é claro que o elefante é como uma ventarola."

"Doidos, doidos", disse o quinto, "o elefante é como uma cobra enorme..."

Por mais que conversassem eles não conseguiram chegar a um acordo.

Começaram a brigar. Separaram-se. E cada um deles formou uma seita religiosa diferente: a seita do deus corda, a seita do deus palmeira, a seita do deus ventarola, a seita do deus cobra...

Santos e milagres

Pelo que sei, para um candidato a santo ser beatificado, tem de dar provas de haver feito milagres. Discordo. A marca do divino não são os milagres excepcionais. A marca do divino é o milagre quotidiano que é esse mundo, a vida, o meu olho, a asa de uma libélula, uma flor, o arco-íris, a chuva, a sopa de fubá, o café, o pão quente, o perfume do jasmim, o amor entre duas pessoas, uma gota de água numa folha, uma teia de aranha, uma concha de caramujo, um poema.

Eu amaria um santo que não tivesse feito milagre algum, mas que tivesse ficado extasiado, contemplando os milagres que Deus espalhou pelo mundo.

O rosto é uma entidade curiosa.

Nos jovens, a sua plasticidade é limitada pela resistência da matéria. Falta, no rosto dos jovens, uma espiritualidade que só vem com a velhice. Os músculos são muito fortes. Quando se envelhece, o rosto fica plástico. Se fica triste, as linhas se verticalizam, atraídas pela força e pelo espírito da gravidade. Os velhos são graves. Se, ao contrário, se fica alegre,

as linhas verticais se tornam horizontais. Bem dizem os textos sagrados que "um coração alegre aformoseia o rosto, mas um espírito abatido resseca os ossos".

Acho que a alegria é melhor que uma operação plástica.

A moda é o sucesso.

Um famoso conferencista anuncia com letras enormes: "O seu lugar é o pódio". Imaginemos que assim seja. Jogos Olímpicos. Corrida de 100 metros rasos. Aí ele diz para todos: "O seu lugar é o pódio!" Os corredores dispararam. Só um deles arrebenta a fita.

Nas olimpíadas são pouquíssimos os que vão para o pódio. Isso vale para a vida inteira. Então, alguma coisa está errada.

Fraudes eletrônicas invadem a Internet

A versão eletrônica desse tipo de coleta de dados foi criada recentemente. Recentemente a Receita Federal divulgou que um golpista estava mandando um e-mail como sendo da Receita Federal com uma ficha de cadastro para baixar o programa do Imposto de Renda. Só que essa ficha era falsa, e o golpista capturava todos os seus dados, incluindo o seu CPF para usar em golpes.

De posse de todos os seus dados pessoais e, principalmente, de posse de seu CPF, um golpista pode, através de ações fraudulentas, abrir contas-corrente em seu nome, efetuar a compra de bens de forma parcelada (e não pagar as prestações, obviamente) e muito mais. E você só acaba descobrindo que foi vítima de um golpe quando descobre que o seu nome está em listas negras (SPC, Serasa etc).

Nossa recomendação é tomar cuidado com sites que pedem informações pessoais demais.

Por exemplo, o número do seu CPF não é necessário para nenhum tipo de operação, e sites que pedem esse documento devem ser considerados suspeitos de invasão de privacidade (a não ser, é claro, em sites de vendas on-line que pedem esse documento para a emissão da nota fiscal da sua compra).

O mais provável é que o dito conferencista está mentindo para manter-se no pódio à custa da credulidade das pessoas. Quem acredita que seu lugar é o pódio está sempre estressado, competindo, tentando passar na frente.

Quem não tem pretensões ao pódio vive uma vida mais alegre. Não é preciso chegar na frente. Mas há uma seita que anuncia como palavra de Deus: "Você está destinado ao sucesso!" Não sei onde descobriram isto. Não conheço Deus algum que prometa sucesso. Só um ídolo.

*Psicanalista, escritor, teólogo. Extraído de "Fraternizar", Lisboa, Portugal.

a foto

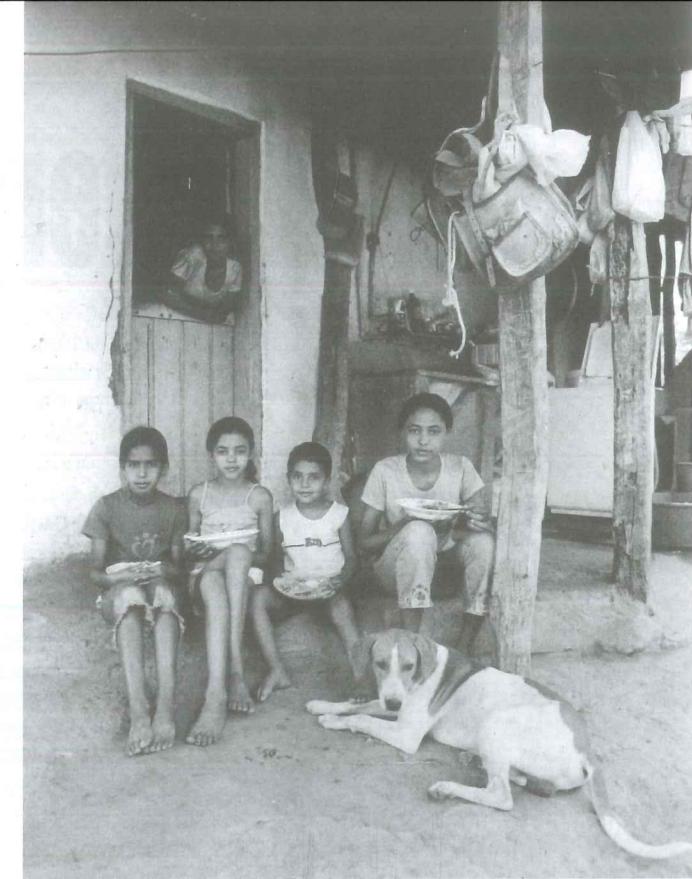
O fotógrafo Tony Martin flagrou o pobre comendo, na periferia de uma grande cidade. O cenário é conhecido. O prato de comida nem tanto.

o fato

O programa Fome Zero está avançando silenciosamente. Parcerias entre governos federal, estaduais e municipais vão se multiplicando. A sociedade civil está sendo sensibilizada para assumir múltiplas formas de apoio no combate à fome e à desnutrição. Organismos da sociedade e igrejas estão produzindo a já famosa "farinha múltipla", que faz milagres contra a desnutrição, especialmente de crianças e idosos. A Pastoral da Criança, da CNBB, oferece instruções para quem quiser produzi-la. O programa se desdobra em outras ações, desde a alfabetização de adultos à capacitação para o mercado de trabalho. Cada cidadão está convocado a colaborar com seu tempo e saber.

a razão

Os índices econômicos conhecidos revelam o escandaloso fenômeno da miséria e da fome em nosso país, campeão da concentração de renda e da exclusão social, com um dos mais baixos índices de desenvolvimento humano (IDH) do mundo. Um desafio para cada cidadão brasileiro



O preço da liberdade

Os velhos udenistas dos anos 40-50, pós-ditadura Vargas, adotavam o lema: "o preço da liberdade é a eterna vigilância". Hoje, o preço ficou mais caro. Não basta a vigilância ainda que eterna... Segundo os sempre bem informados postes de iluminação das avenidas de Brasília, uma liberdade prematura lá em cima para golpistas de alto nível custa uns 300 mil dólares. Consta ser a tabela para aquelas culpas maiores, afirmam.

Como estender esse tão caro benefício aos milhares de condenados lascados, de culpas menores, que roubaram para levar comida para casa? O Senado, depois de 12 anos, acaba de aprovar a reforma do judiciário. Pode ser uma verdadeira revolução. Lá está a novidade da "súmula vinculante". Parece ser mais ou menos assim: se o tribunal da mais alta instância, em algumas matérias, emitiu uma sentença sobre determinada questão, pelo voto de 2/3 dos seus membros, ela passa a ser aplicada obrigatoriamente nas instâncias inferiores nos casos semelhantes.

Mas faltou inventar o "*habeas corpus vinculante*"... para resolver o problema da superpopulação dos presídios. Mandaria para a rua, para responder aos seus processos em liberdade, todos os presos que roubaram menos que o Silveirinha e a quadrilha do propinoduto, deram golpes financeiros menores que o Cacciola e falsificaram menos documentos que o Sérgio Naya. Ou seja, um *habeas corpus* caro de quem pode pagar, poderia libertar gratuitamente milhares de detentos miseráveis, com a simples aplicação dessa novidade "vinculante", que infelizmente não foi inventada.

Pareceria justa à criação desse mecanismo. Ainda haveria uma dificuldade: a votação. O principal especialista nessa prática age sozinho e aquele efeito dependeria dos votos da corte. Mas... e a liminar? Vamos imaginar que mesmo concedida por um magistrado das alturas, sozinho, na calada da noite, para libertar um criminoso rico, tivesse também esse efeito vinculante. Permitiria despedir 50 ou 100 mil presos condenados por culpas menores, do mesmo gênero das proezas daqueles que ganharam a liberdade com culpas maiores. A fatura dos dólares não

teria saído tão cara. Afinal, quem roubou mais estaria pagando por quem roubou menos, uma medida de simpática justiça social.

Com o esvaziamento das prisões, os governos economizariam milhões. Melhorariam a segurança dos agentes penitenciários e o tratamento dos bandidos perigosos, aqueles que matam e precisam de prolongada estadia gradeada. Esses remanescentes teriam mais chances de recuperação porque deixariam de ser tratados como animais amontoados em jaulas, degradando-se cada vez mais, massacrados pelo

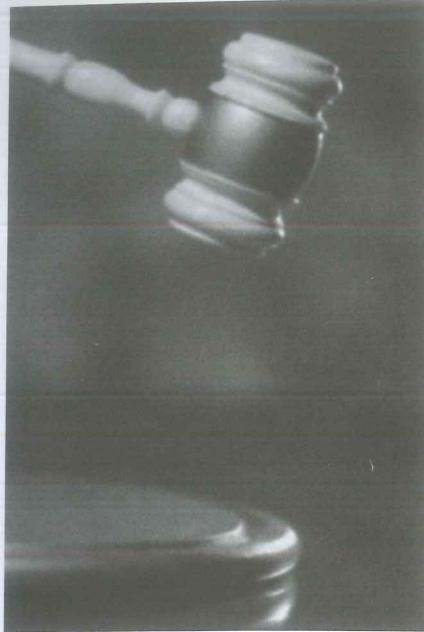
ócio, que rima com o ódio cultivado pelo tratamento desumano. No inferno atual, vivem obcecados pela ânsia de fuga a qualquer custo, tantas vezes comprada por preço muito menor que o de um *habeas corpus* de luxo.

Essas prisões degradantes de um sistema penitenciário falido são usinas geradoras de monstros.

Degradantes, dentre mil outras razões, porque apinhadas de homens amontoados como gado.



Apinhadas porque o ladrão de galinhas não tem dinheiro para o advogado que o colocaria na rua e a justiça gratuita não dá conta do recado. Quem rouba pouco não tem como pagar o alto preço da liberdade. Por não ser bandido, não está filiado a um comando criminoso que cuidaria da sua saída por ações armadas ou pela compra da fuga pela porta da frente. Sua chance de liberdade estaria, portanto, na extensão ao seu caso dos efeitos vinculantes das sentenças generosas/onerosas que abrem as portas das celas para os bandidos ricos com uma impressionante agilidade a desmentir a apregoada lentidão da justiça.



Alguém acredita que algum dia um ladrão de comida de supermercado terá um *habeas corpus* para responder por seu crime em liberdade, concedido com tão comovente presteza por um tribunal das alturas?

Essa questão das controvertidas sentenças libertárias em instâncias maiores e menores, com denúncias confirmadas de manipulações na distribuição de processos para endereços amigos; a agora revelada existência de processos no STJ contra 122 juízes e

desembargadores, por suspeitas de mau comportamento; a prisão de alguns que comprovadamente integravam quadrilhas e já são hóspedes de prisões especiais pelo elevado preço de sentenças generosas, apontavam com mais veemência para a necessidade e urgência do controle externo efetivo do poder judiciário, agora incluído na reforma aprovada. Controle para o bem da corporação, majoritariamente ética e competente. Mas as reações da banda do mal continuam furiosas. Também já se mobilizam e montam lobbies poderosos para retirar do ministério público o poder de investigar.

Não vão conseguir. O povo vibra com o êxito da participação incômoda e às vezes atabalhoada desses jovens procuradores em parceria com a polícia federal em operações de nomes curiosos. Desmontaram quadrilhas de vampiros e anacondas. Continuam fuçando remessas ilegais de dinheiro de origem suspeita para contas gordas em paraísos freqüentados por personagens destacados da política e do mundo financeiro da nossa pátria amada e mãe gentil.

* Membros do MFC, editores de *Fato e Razão*.

"Para que repetir os erros antigos quando há tantos erros novos a cometer?" (Bertrand Russel)

"O maior prazer de um homem inteligente é bancar o idiota diante de um idiota que banca o inteligente" (Confucio)

Poema

Beatrix Reis



Rua do Menino Perdido
uma rua qualquer
de um lugar qualquer.
O eterno menino à procura
de seu nome verdadeiro
de sua própria identidade.

Menino perdido
na rua clara e comprida
que não leva a nenhum lugar.

Homem, menino perdido
numa rua qualquer
de um lugar sem nome,
onde as idéias e as novas ciências
se cruzam indiferentes
sobre a cabeça curvada
do menino perdido
numa rua qualquer
de um lugar sem nome.

Rua do Menino Perdido
do menino que chora
que procura seu ponto de apoio.
"Diga-me onde o puseram
e eu irei buscá-lo."

De que serve ao menino perdido
uma rua calçada de brilhantes
se ele está confuso
por que desconhece seu próprio nome?

PAIS *não subornem seus filhos*

Jorge La Rosa*

O título acima poderia também ser o seguinte: "Pais: não ensinem aos filhos que podemos comprar uma pessoa". Ou, ainda: "Pais: não chantageiem os filhos". infelizmente algumas práticas educativas que os pais utilizam transmitem aos filhos a mensagem que o suborno é um recurso pedagógico válido. E se é válido para a pedagogia, é válido para a vida.

A dois irmãos que brigavam constantemente, a mãe não sabendo mais o que fazer, resolveu pagar pela paz. A cada dia que eles não brigassem, receberiam determinado acréscimo à sua mesada. Um outro adolescente que não queria estudar e cujas notas eram baixíssimas recebeu a seguinte proposta: a cada nota alcançada acima de sete receberia 5 reais, incremento significativo em sua mesada. E àquela menina que estava na 5^a série, com sério risco de reprovação, os pais prometeram a almejada bicicleta caso fosse aprovada.

O que dizer dessa prática educativa? É legítima? Justifica-se?

Sociedade, remuneração e educação

Não podemos negar que nossa sociedade recompensa determinados comportamentos com remuneração. O indivíduo que trabalha recebe salário; o vendedor ganha comissão por venda, e quanto mais vende, mais recebe; os serviços são, de modo geral, remunerados. A questão é: Em educação podemos usar esse recurso? Indiscriminadamente? Constantemente?

As duas últimas perguntas são respondidas com uma negativa. Não se pode usar nem indiscriminada nem constantemente o recurso de um "pagamento" por determinado comportamento. Estariam, em primeiro lugar, sucumbindo ao mundo do consumo, onde tudo se compra e tudo se vende. Em segundo lugar, mas muito mais importante, estariam transmitindo aos filhos a idéia de que valores, atitudes e comportamentos são mercadorias que se podem comprar e vender, por um preço maior ou menor, dependendo da categoria, admitindo, inclusive, a barganha:

"Se eu passar de série - poderá responder a menina acima citada - não quero só a bicicleta, quero também uma mesada extra de duzentos reais. Afinal, uma aprovação vale mais que uma bicicleta!"

Os filhos, com essa prática, aprenderiam também a ser mercenários. E chantagistas.

Começariam a cobrar dos pais para comportar-se como eles desejam. Sem pagamento, não há negociação. Seria o caos.

Gratificações & afeto

Não podemos, por outro lado, deixar de gratificar e proporcionar alegria aos filhos, de acordo com o período evolutivo que vivem: crianças gostam de guloseimas (sem prejuízo de uma alimentação correta) e brinquedos (não em excesso), adolescentes precisam do grupo de amigos, gostam de esporte e festas, e apreciam mesadas (que não sejam exageradas). E necessitam, crianças e adolescentes, acima de tudo, de carinho e da convivência com os pais. Que neste particular os genitores não sejam avaros!!



Comportamentos & recompensas

Mas, voltando à questão: Podemos eventualmente recompensar determinado comportamento do filho? Podemos, com parcimônia, e que não seja a regra. Mas, atenção! um filho não deverá lograr a aprovação escolar por um pagamento. Ele estaria sendo subornado e enganado. O estudo e a competência são valores que devem ser buscados por eles próprios, pois dignificam a pessoa, preparam-na para o exercício profissional, tornam-na socialmente útil, aumentam a auto-estima e a autoconfiança.

Na medida em que os pais "compram" ou "pagam" a aprovação, estão despojando o filho de sua dignidade, estão diminuindo

a sua auto-estima e ensinando que ele é vendável, dependendo do preço - e há certos comportamentos que não se compram, há concessões que não podem ser feitas: quem se venderia para cometer um homicídio? Quem seria subornado para facilitar uma falcatura? Certamente, o indivíduo que aprendeu que o seu comportamento é vendável, dependendo do preço. Então, pais...

Motivação e valores

As crianças e adolescentes, de modo geral, devem alcançar determinado objetivo porque ele

- ❖ Concordamos que as práticas aqui reveladas são verdadeiro suborno? Conhecemos pais que subornam seus filhos?
- ❖ Quais as possíveis consequências dessa prática na formação do caráter do filho?
- ❖ Os pais percebem o perigo desse comportamento?

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual 2004: 24 reais (4 números)

Distribuidora MFC de Fato e Razão
Rua São João, 25 s/loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ
Tel./Fax (21) 2629-7163
e-mail: fatorazao@primyl.com.br

"A forma mais eficiente de se lembrar do aniversário de sua mulher é esquecer dele uma única vez..."

representa um valor, uma conquista pessoal, traduz-se em realização pessoal, com consequências sociais e existenciais desejáveis. É a partir deste tipo de motivação que devemos principalmente educar, para formar pessoas autônomas, governadas a partir da interioridade.

Os filhos não devem ser "comprados" ou "subornados". O preço é muito alto: a dignidade deles, a corrosão da personalidade e da auto-estima.

*Terapeuta de Casal e Família. Doutor em Psicologia.

E-mail: jordeon@orion.ufrgs.br

Flora selva de vida

Estamos inaugurando uma coluna dedicada a valorizar o poder curativo de ervas, flores, hortaliças, leguminosas e cereais, para uma variedade de doenças.

Marília e Renato Azevedo*

Carqueja erva do campo, de dois tipos: a de folha larga ajuda a função digestiva; a de folha estreita (chancada branca) é usada como depurativo do sangue. Toma-se como chá, após as refeições. A colheita das folhas pode ser feita durante todo o ano.

Marcela erva do campo, de cor amarelada, é usada no tratamento de doenças gástricas: má digestão, mal estar após refeições. Toma-se como chá. Também usada na limpeza de olhos congestionados ou irritados, trazendo pronto alívio. Tempo de colheita: de fevereiro a abril.

Insulina erva do campo ou cultivada em hortas caseiras, tem eficácia comprovada para a redução de altas taxas de glicose. Toma-se como chá. É um recurso auxiliar que não substitui a medicação prescrita pelo médico.

Hortência planta ornamental muito comum nos jardins. A folha, sem o talo, pode ser usada para fazer chá, muito eficiente no controle da glicose. Se consumida em excesso poderá causar diarréia.

*MFC de Bagé RS



A vida que renasce

Há alguns anos atrás minha filha plantou várias mudas de flamboyants, arbusto que fica cheio de cachos de flores, muito bonito e que enfeita muito o jardim. No entanto, depois de ser plantada a mudinha não dava o menor sinal de vida. Nenhum brotinho aparecia.

Comentava ela meio triste: "Não tenho mão boa para planta!" Passados três anos, quando já havíamos esquecido das mudinhas, uma delas brota e apareceu um lindo flamboyant. Raro, meio alaranjado diferente dos outros que já havia no jardim. A família toda curtiu a surpresa e se deliciou em cor, em perfume, em beleza, em vida! Cachos e cachos de flores enfeitando o jardim, nos fazendo louvar e agradecer a Deus que criou tanta beleza.

Neste ano, devido às fortes chuvas de verão o morro acima do flamboyant cedeu e todas as plantas ficaram soterradas. Aos poucos algumas fortes costelas de Adão conseguiam vencer a terra caída e rebrotavam. Sinais da força da vida. Em uma árvore que fora arrancada, começava a aparecer um delicado ramo verdinho. Pensei que o flamboyant havia morrido. E qual não foi minha surpresa, nesta primavera quando dois fios surgiram frágeis, mas já com

algumas flores para demonstrar que a vida é mais forte, que a vida tem muita força, muitas possibilidades, uma energia difícil de ser vencida. Temos que ter esperança, temos que ser otimistas. Deus é maior. A vida é mais, diz o povo na sua incrível sabedoria.

"Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto" (Jo 12, 24).

Esta frase do evangelho de João, que parece tão estranha, ganha um sentido distinto se o ligarmos com a experiência do flamboyant. Os evangelhos nos apresentam a vida de Jesus de Nazaré como uma vida muito fecunda. Jesus viveu se solidarizando com todas as pessoas, especialmente com os que sofriam mais na sua época: as mulheres, as crianças, os estrangeiros, os enfermos, enfim, todas as pessoas que padeciam de alguma marginalização ou discriminação.

Esta realidade é expressa de maneira diferente por cada evangelista. Em linguagem joanina ele é apresentado praticando "boas obras", que eram revelações de seu Pai. Afinal, quem vê o Jesus vê o Pai (cf Jo 17,). Ele se relacionava



"Assim como o Pai me amou, também eu vos amei. Permaneци no meu amor." (1Jo 15, 9).

com as pessoas, com tanta afetividade, respeito, consideração valorizando a todos e a todas que provocou na comunidade a compreensão que Deus é Amor (cf 1 Jo 4, 8b). Homens e mulheres fazem através de Jesus a experiência do amor de Deus. Jesus é o amor de Deus convivendo com as pessoas.

Boas obras era uma maneira técnica joanina de representar as ações de justiça: "Porque está é a mensagem que ouvistes desde o início: que nos amemos uns aos outros, não como Caim, que, sendo

do Maligno, matou seu irmão. E por que o matou? Porque suas abras eram más, ao passo que as do irmão eram justas".(1 Jo 3, 11-12).

Portanto, para esta comunidade as boas obras são as obras de justiça, e, elas aparecem dentro do discurso sobre o amor. As boas obras, as obras justas, são expressão do amor mútuo, (cf.1 Jo 15, 12). O evangelho nos ensina que o amor de Deus permanece em nós: "Assim como o Pai me amou, também eu vos amei. Permaneци no meu amor." (1Jo 15, 9).

O Pai ama Jesus, Jesus nos ama, e para corresponder a este amor nós devemos nos amar mutuamente, até à doação da **nossa** própria vida. (cf. Jo 13, 13;1 Jo 3, 16). Desta forma estaremos seguindo a Jesus que demonstrou seu enorme amor, doando a própria vida (cf. Jo 13, 1).

Esta doação, esta entrega da vida aos demais na solidariedade e no serviço provocam o ódio do mundo. (Mundo, em linguagem joanina, significa os inimigos de Jesus).

Estes não podem suportar o bem. Por isso, continuam a perseguir hoje aqueles e aquelas que praticam o bem/justiça, assim como fizeram com Jesus.

Ele esclareceu os discípulos numa ocasião: “*O mundo odeia-me, porque dou testemunho de que as suas obras são más*”. (Jo 7,7).

Mesmo sem julgar ninguém, apenas por ser bom, por praticar o bem, o mundo, isto é, os inimigos de Jesus se sentiam constrangidos, se sentiam acusados, se sentiam julgados, e conspiraram para matá-lo. Grande ironia. Matam-no porque ele é bom, eliminam-no porque realiza o bem!

Mas esta morte, vai ser fecunda. O grão de trigo vai morrer para provocar vida. Jesus morre em consequência da prática do bem, da prática das “boas obras”. Os evangelhos retratam uma coerência de vida muito grande, pois, apesar de todos os perigos ele jamais se afastou da sua missão de trazer “Vida em abundância” (Jo 10,10)

para todos e todas.

Por isso Jesus é morto. E a fé da igreja proclama que ele está vivo, que ele foi ressuscitado pelo Pai, e está assentado à Sua direita na glória. A Ressurreição é entendida como um ato de poder do Pai, que traz Jesus de volta à vida. Não uma vida como a nossa, mas uma nova vida, geradora de muita vida. O grão de trigo que morre para produzir vida! Para fazer com que homens e mulheres revivam.

A igreja celebra o mistério da morte/ressurreição de Jesus Cristo na Páscoa. Para nós no Brasil a festa da Páscoa se realiza no outono. Mas, na Palestina que fica no hemisfério norte ela se realiza na primavera. A natureza expressa o que a fé cristã proclama. A natureza renasce, a pessoa humana renasce.

Nas regiões frias, onde a natureza seca durante o inverno, a primavera traz uma explosão de vida. A vida que renasce da vida incubada debaixo da terra gretada. A vida nova gerada pelo grão de trigo esmagado. A vida nova que nos veio pela ressurreição. A transformação de homens-mulheres velhos, fechados, tristes, quebrados, ensimesmados, em homens e mulheres renovados, renascidos, alegres, animados, solidários, cheios de esperança.

Páscoa é renascer. É beleza. É sair proclamando: Deus é Maior. A vida é mais. A vida tem em si uma força, que provem do autor da Vida, e, que mesmo ficando adormecida, volta a

aparecer e a explodir em novas cores, sabores, sentidos e perspectivas. Na busca de uma espiritualidade do seguimento de Jesus @s crist@s devem buscar

- ❖ *Como vivenciamos a Páscoa em nosso cotidiano, em cada dia do ano, não apenas no tempo litúrgico?*
- ❖ *Páscoa é passagem da escravidão para a liberdade: quais as formas mais degradantes de escravidão que se vive hoje em nosso país, em nossa cidade?*
- ❖ *O que podemos fazer pelos que vivem toda sorte de escravidão, em condições desumanas?*

Álcool

Não é a maconha a porta de entrada para o uso de drogas mais pesadas. As estatísticas confirmam: é o álcool, droga lícita, protegida porque paga impostos, gera empregos e divisas e é alegremente anunciada em todas as mídias. Quando teremos o direito de ver inserido em todas propagandas de bebidas alcoólicas o alerta: “O álcool é droga e causa dependência” Ou então: “*O álcool causa cirrose hepática e câncer de fígado*”. Ou ainda: “*O álcool pode transformar a sua personalidade*”. Será que o lobby das cervejarias é tão forte a ponto de abafar qualquer iniciativa nesse sentido? (Bruno Rezende).

Faça sua parte. Seja criativo.



FOME ZERO

dentro de si esta experiência da novidade da vida rebrotando para colocá-la a serviço d@s irm@s.

*Teóloga, leiga, PUC-Rio.

O economista que ajudou a arquitetar a reconstrução mundial no pós-II Guerra, denuncia, em ensaio: o poder público está cooptado pelas grandes corporações transnacionais

J. K. Galbraith*

A lógica da barbárie

Ao fim da segunda guerra mundial, eu era o diretor para efeitos gerais do instituto de pesquisas de bombardeios estratégicos dos Estados Unidos - conhecido, à época, como Usbus. Liderava uma ampla equipe econômica voltada à avaliação dos efeitos industriais e militares relativos ao bombardeio da Alemanha.

O bombardeamento da indústria, dos transportes e das cidades alemãs foi bastante decepcionante. Ataques a fábricas responsáveis pela manufatura de componentes cruciais como rolamentos, e mesmo ataques a fábricas de aviões, foram, infelizmente, inúteis.

Graças à realocação de fábricas e maquinário, e a métodos de administração mais determinados, a produção de aviões de caça acabou, na verdade, crescendo no início de 1944 (isso após intenso

bombardeio). Nas cidades, a crueldade aleatória e a morte infligida dos céus não teve efeito visível na produção de guerra, ou na guerra em si.

Apesar de resultado do trabalho dos mais notáveis acadêmicos, embasado por oficiais da indústria e por impecáveis estatísticos alemães, bem como por Albert Speer, alemão responsável pela produção de armamentos, havia, por parte das forças armadas aliadas, intensa dificuldade em aceitar tais fatos - especialmente, por motivos óbvios, pelo comando aéreo.

Nossas conclusões eram, todas, desconsideradas. Os aliados públicos e acadêmicos do comando aéreo uniram-se para impedir que eu assumisse a vaga de professor em Harvard, e o conseguiram por um ano.



Num impressionante fluxo de influência e comando, a indústria de armas distribui empregos, salários e lucros em seu corpo político, e é, indiretamente, uma valorosa fonte de fundos políticos.

Isso não é tudo. A maior desventura militar na história norte-americana, até o Iraque, havia sido a guerra no Vietnã. Quando fui enviado para lá numa missão de investigação, no início dos anos sessenta, tive ampla visão da dominância militar sobre a política externa, uma dominância que era agora estendida à substituição da presumida autoridade civil.

Na Índia, onde fui embaixador; em Washington, onde havia tido

acesso ao presidente Kennedy; e em Saigon, desenvolvi uma visão fortemente negativa do conflito. Mais tarde, encorajei a campanha anti-guerra de Eugene McCarthy, em 1968. Sua candidatura foi anunciada pela primeira vez em nossa casa em Cambridge.

Nessa época, os líderes militares em Washington apoiavam a guerra. Sem dúvida, foi dado por certo que o conflito deveria ser endossado tanto pelas forças armadas quanto

pela indústria bélica -- o chamado "complexo industrial-militar" de Dwight Eisenhower.

Em 2003, perto da metade do total dos gastos contingenciados do governo dos EUA foi utilizado para propósitos militares. Boa parte, destinada à procura ou desenvolvimento de armamentos. Submarinos nucleares chegam aos bilhões de dólares, e aviões individuais, a dezenas de milhões cada.

Tais gastos não são resultado de análises imparciais. Vêm de companhias industriais importantes as propostas de novos armamentos, e a elas são oferecidos como prêmio o lucro e a produção. Num impressionante fluxo de influência e comando, a indústria de armas distribui empregos, salários e lucros em seu corpo político, e é, indiretamente, uma valorosa fonte de fundos políticos.

A gratidão e a promessa de ajuda política segue para Washington e para o orçamento de defesa. E para a política externa - ou, como no Iraque e no Vietnã, à guerra. Que o setor privado move-se para uma posição dominante em relação ao setor público, é visível.

Ninguém duvida que a moderna corporação é uma força dominante na economia dos dias de hoje. Houve um tempo, nos EUA, em que havia capitalistas. Aço da Carnegie, petróleo de Rockefeller, tabaco da Duke, estradas de ferro controladas de modo variado - e geralmente incompetente - pelos poucos

endinheirados.

Em sua posição de mercado e influência política, a moderna administração corporativa, ao contrário da capitalista, tem aceitação pública. Um papel dominante no establishment militar, nas finanças públicas, e no meio ambiente é assumido, e outra autoridade pública é reconhecida como legítima. Ainda assim, imperfeições sociais adversas e seus efeitos pedem atenção.

Tal, como demonstrado, é o modo como o poder corporativo ajustou o propósito público às suas necessidades. Ele ordena que o êxito social seja mais automóveis, mais televisores, um maior volume de todas as mercadorias -- e mais armas letais. Efeitos sociais negativos - poluição, destruição do meio ambiente, cidadãos com sua saúde desprotegida, ameaças de ações militares e morte - não contam como tais.

A apropriação corporativa da iniciativa e da autoridade pública é desagradavelmente evidente em seus efeitos sobre o meio ambiente, e perigosa no que diz respeito à política militar e externa. Guerras são uma enorme ameaça à existência da civilização - uma ameaça alimentada pelo comprometimento corporativo com o desenvolvimento e o uso de armas. Algo que legitima, chegando mesmo a qualificar como heróica, a devastação e a morte.

O poder, em uma grande corporação moderna, pertence à

administração. O corpo de diretores é uma entidade cordial, que se encontra com auto-satisfação, mas totalmente subordinada ao poder dos managers. A relação assemelha-se à do dono de um doutorado com um estudante de graduação.

Persistem os mitos relativos à autoridade do investidor, as reuniões rituais de diretores, e os encontros anuais de acionistas, mas nenhum observador são da moderna corporação pode escapar à realidade. O poder corporativo está na administração uma burocracia que controla suas tarefas e compensações.

Recompensas podem resvalar no roubo. Em ocasiões recentes e freqüentes, referências relativas a "escândalos corporativos" têm sido feitas. Conforme o interesse corporativo chega ao poder que era do setor público, este último serve ao poder corporativo.

Isso fica mais evidente nos maiores movimentos do tipo, nos quais empresas privadas adentram a esfera do establishment militar. Disso provém uma influência direta sobre o orçamento militar, a política externa, o comprometimento militar, e, em última instância, a ação militar. A guerra. Embora este seja o uso normal e esperado do dinheiro e de seu poder, seu efeito completo é disfarçado através da quase totalidade das expressões convencionais.

Dada sua autoridade na moderna corporação, é natural que o conceito

de "management" fosse estendido à política e aos governos. Por algum tempo, existiu o alcance público do capitalismo; agora, existe o alcance relativo à administração corporativa. Nos EUA, managers corporativos têm aliança bastante próxima com o presidente, o vice-presidente e o secretário de defesa. Importantes figuras corporativas estão, também, em altas posições de esferas variadas do governo federal; um deles, vindo da falida e corrupta Enron para comandar o exército.

Defesa e desenvolvimento de armas são forças motivadoras em política externa. Existe, faz alguns anos, um reconhecido controle corporativo também das finanças, bem como da política de meio-ambiente.

Valorizamos o progresso da civilização desde antes dos tempos bíblicos. Mas existe uma qualificação necessária e, certamente, aceita. Os EUA e a Grã-Bretanha vivem as seqüelas amargas da guerra no Iraque.

Aceitamos a morte programada de jovens, e o massacre aleatório de homens e mulheres de todas as idades. Foi assim na primeira e na segunda guerras mundiais, e assim segue no Iraque. A vida civilizada, do modo como é conhecida, é uma grande torre branca em celebração das conquistas humanas -- em cujo topo pende permanentemente, porém, uma enorme nuvem negra.

O progresso humano é dominado por crueldade inimaginável e morte. A civilização fez grandes avanços através dos séculos na ciência,

saúde, artes, e, se não por completo, em bem-estar econômico. Mas tem dado também uma posição privilegiada para o desenvolvimento de armas, e à ameaça e à realidade da guerra. Assassinatos em massa tornaram-se a conquista última da civilização.

Os fatos da guerra são inescapáveis: morte e crueldade aleatória, suspensão dos valores

civilizados, consequências desordenadas -- vide as condições e prospectos humanos agora absurdamente evidentes. Os problemas sociais e econômicos aqui descritos podem, com reflexão e ação, ser confrontados - como, antes, já o foram. Resta, como o decisivo fracasso humano, a guerra.

*Economista, escritor. (Publicado em Porto Alegre - 09/08/2004)

DECISÕES ESTRATÉGICAS NOS MERCADOS DE TECNOLOGIA

Aqui está o mais puro exemplo de como temos, muitas vezes, de nos adaptar a atitudes tomadas no passado:

- * A bitola das ferrovias (distância entre dois trilhos) nos Estados Unidos é de 4 pés e 8,5 polegadas;
 - * Por que este número foi utilizado?
 - * Porque era esta a bitola das ferrovias inglesas. Como as americanas foram construídas pelos ingleses, esta foi a medida utilizada.
 - * Por que os ingleses usavam esta medida?
 - * Porque as empresas inglesas que construíram os vagões eram as mesmas que construíram as carroças, antes das ferrovias e se utilizavam dos mesmos ferramentais das carroças.
 - * Por que as medidas (4 pés e 8,5 polegadas) para as carroças?
 - * Porque a distância entre as rodas das carroças deveria servir para as estradas antigas da Europa, que tinham esta medida.
 - * E por que tinham esta medida?
 - * Porque essas estradas foram abertas pelo antigo império romano, quando de suas conquistas e tinham as medidas baseadas nas bigas romanas.
 - * E por que as medidas das bigas foram definidas assim?
 - * Porque foram feitas para acomodar dois traseiros de cavalos!
- Finalmente: O ônibus espacial americano, o Space Shuttle, utiliza dois tanques de combustível sólido (SRB - Solid Rocket Booster) que são fabricados pela Thiokol, em Utah. Os engenheiros que os projetaram, queriam fazê-los mais largos, porém tinham a limitação dos túneis das ferrovias por onde eles seriam transportados, os quais tinham suas medidas baseadas na bitola da linha.
- Conclusão: O exemplo mais avançado da engenharia mundial em design e tecnologia acaba sendo afetado pelo tamanho do traseiro dos cavalos da Roma antiga.

Não fique tão sério...

Pileque

Chegou em casa tarde da noite, no maior pileque. O estômago tinha devolvido tudo que possuía. A esposa, com ajuda do filho, levou o marido para a cama. No dia seguinte, a ressaca e o medo de encarar a mulher. Chuveiro para tomar coragem e descer para o café. Foi em frente. Cabeça baixa, esperando a bronca. Surpresa. Tudo ao contrário. Esposa sorridente, mesa de café caprichada, mamão descascado, sua torrada preferida saída do forno... Fingiu que estava bem. Logo que pode perguntou para o filho:
- Por que não levei bronca?
Sua mãe está um amor...
O garoto explica:
- Ontem, quando a mãe começou a tirar a sua roupa, você disse, meio que dormindo: "Moça! Faz isso não! Eu sou casado!".

Finalmente encontradas



Soldado atacado por arma química no Iraque.

O gatinho

Entrou naquele botequim e viu no chão, ao lado do balcão, uma preciosidade maravilhosa. Nada menos que um autêntico prato de porcelana das Índias, com os brasões da Coroa portuguesa, século XIX, uma raridade ali dando sopa... no chão, servindo de pratinho de leite para um gatinho! Pelo jeito, o dono do bar não parecia ter cultura para entender o valor daquela preciosidade. Valia uma nota!

"Tenho que levar essa peça", pensou ávido pelo bom negócio. Depois da cerveja, perguntou ao dono do bar, assim como não quer nada:

"Gostei do seu gatinho, sabe, meu amigo?"

"É... também gosto dele", disse o homem, meio distraído.

"O senhor me venderia ele?"

"Não o vendo por menos de 200 pratas, amigo", lançou o dono.

"Meio caro, hein?... mas tá fechado. Levo o gato". Pagou e fez que saía.

Mas voltou, e disse para o homem: "Sabe de uma coisa, moço? O gatinho está acostumado com o seu pratinho de tomar leite. Posso levar?"

"Nada feito, amigo. O senhor não sabe quantos gatinhos eu já vendi por causa desse prato..."

Roubando Galinhas

(Pedindo licença ao mestre Luís Fernando Veríssimo)

Pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e levaram para a delegacia.

- Que vida mansa, heim, vagabundo? Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para a cadeia!

- Não era para mim não. Era para vender.

- Pior. Venda de artigo roubado. Concorrência desleal com o comércio estabelecido. Sem-vergonha!

- Mas eu vendia mais caro.

- Mais caro?

- Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas não. É que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons.

- Mas eram as mesmas galinhas, safado!.

- Os ovos das minhas eu pintava.

- Que grande pilantra... Mas já havia um certo respeito no tom do delegado.

- Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega...

- Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espalhar mais boato sobre as galinhas dele, e ele se comprometeu a aumentar os

preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus.

Convidamos outros donos de galinheiro a entrar no nosso esquema. Formamos um oligopólio. Ou, no caso, um ovigopólio.

- E o que você faz com o lucro do seu negócio?

- Especulo com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas. Comprei alguns deputados. Dois ou três ministros. Conseguí exclusividade no suprimento de

galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturar os preços.

O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada.

Depois perguntou:

- Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?

- Trilionário. Sem contar o que eu sonego de Imposto de Renda e o que tenho depositado ilegalmente no exterior.

- E, com tudo isso, o senhor continua roubando galinhas?

- Às vezes. Sabe como é.

- Não sei não, excelência. Me explique.

- É que, em todas essas minhas atividades, eu sinto falta de uma coisa. O risco, entende?

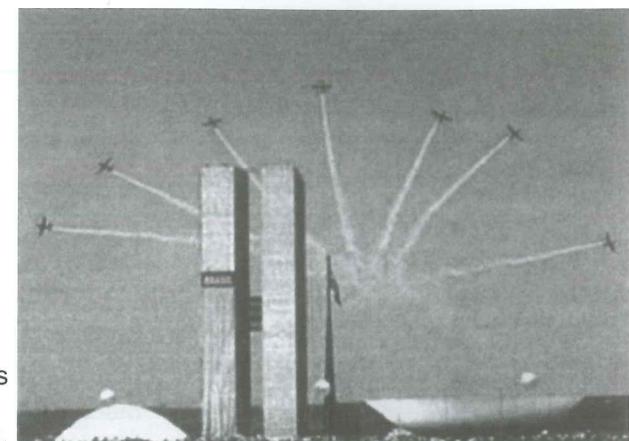
Daquela sensação de perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo.

Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão, e isso é excitante. Como agora. Fui preso, finalmente. Vou para a cadeia. É uma experiência nova.

- O que é isso, excelência? O senhor não vai ser preso não.

- Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!

- Sim. Mas primário, e com esses antecedentes...



"Eles" com dois acertaram em cheio. Nós, com sete, erramos!"

Na busca de uma fé sempre mais adulta Descomplicando a fé

Helio Amorim
Editora Paulus

128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à Livraria do MFC

Tel.(32) 3214-2952 E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Posse de armas

Pelo que andei lendo nos jornais, parece que a tentativa do governo de proibir a venda de armas no país vem sendo enfrentada pela pressão dos lobbies. O projeto é desfigurado, em sua essência, quando pretende dar ao cidadão, em determinadas circunstâncias, legitimidade à posse de arma de fogo, sob o argumento de que os crescentes índices de criminalidade no país justificam a legítima defesa.

Por outro lado, os que são a favor da proibição afirmam que existem no país vinte milhões de armas de fogo em situação irregular, além das registradas legalmente, que chegam a um milhão e meio. Segundo estatísticas comprovadas, 63% dos crimes no Brasil ocorrem por motivos fúteis. E nessas horas, se alguém está armado, acaba matando.

Aqui no Rio, por exemplo, vivemos em constantes sobressaltos; nunca se sabe de onde pode partir um tiro, uma rajada de metralhadora. E talvez o pior sejam as tais "balas perdidas", volantes matadoras que ninguém sabe de onde vêm nem de que mão partiram.

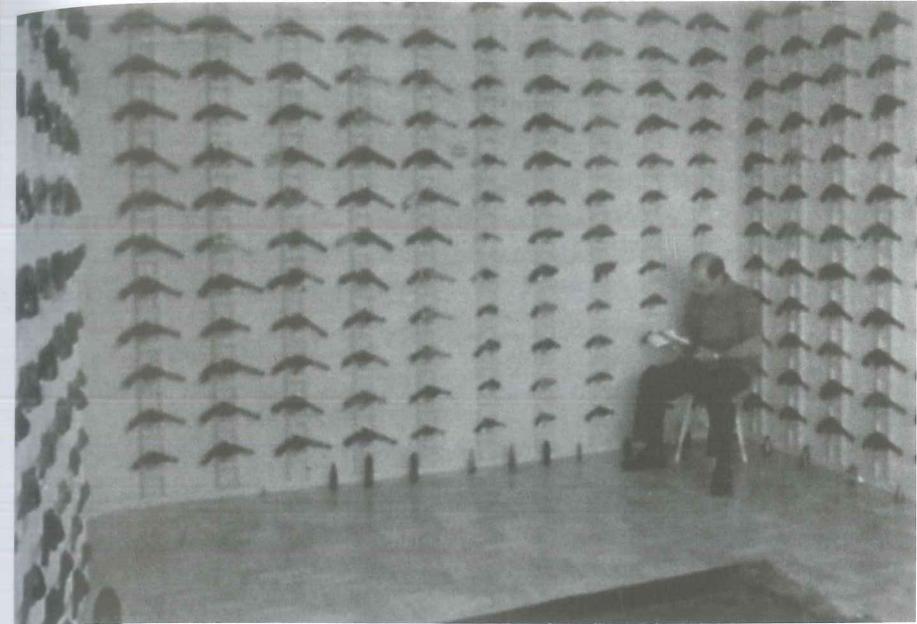
E para que fim se destina todo o aparato policial do estado do Rio de Janeiro se ele continua perdendo sempre para os bandidos, para os seqüestradores, os assaltantes e "os reis do fumo", esses, sim, assistidos por gangues poderosas?

Todos os dias sabemos que foram apreendidas, num esconderijo de traficantes, armas das mais sofisticadas, dessas que só corpos militares de elite têm licença para usar. E então, de onde sai esse armamento finíssimo, perigosíssimo, que nós pobres mortais (e quão altamente mortais!) só conhecemos por fotografia?

Sabe-se que é um direito e até um dever de qualquer país ter suas forças armadas, bem armadas mesmo e comprar metralhadoras,

fuzis de longo alcance, canhões; há até algumas nações que se arrogam o direito de fabricar e possuir armas atômicas, embora o resto do mundo, inerme, trema de medo de que elas sejam usadas.

Então vamos conceder que fabriquem os governos o seu armamento pesado. Mas por qual razão é livre a fabricação de revólveres e pistolas, armas que só servem para uma pessoa matar outra? Soldado na guerra não tem como usar revólver; e os oficiais que o portam é porque faz parte do uniforme. Ninguém caça com revólver; imagina, sair por aí, pela Floresta da Tijuca, matando passarinho a tiro de pistola? Revólver não serve para nada, senão para assassinato ou duelo. E isso é crime.



... e ainda há os colecionadores, amantes das armas de fogo.

Então, por que permitem os governos que se fabrique, aos milhões, que se venda nas lojas, que se guarde na gaveta esse instrumento maldito? Insisto: revólver e seus similares só têm mesmo esta utilidade: matar as pessoas. E então, como acreditar na sinceridade desses mesmos governos ao combaterem o crime, se é o próprio governo que permite a fabricação, a venda e a licença

de porte a todas essas classes de armas cuja finalidade única é, repito, matar gente? Sim, só matar gente. Porque até cachorro doido e até cobra se mata com um pau ou, quando muito, com espingardinha de chumbo. É de uma incoerência incrível, além de ser um crime inapelável, particular ou oficial.

*Rachel de Queiroz, da Academia Brasileira de Letras, é escritora. Publicada no Correio Braziliense. Opinião

- ❖ Você já entregou a sua arma às autoridades, aproveitando o incentivo da nova lei? Então convença outros a fazer o mesmo.
- ❖ E se seu filho tem uma espingardinha de ar comprimido, entregue também...

"A verdadeira felicidade está nas pequenas coisas... um pequeno iate, um pequeno rolex, uma pequena mansão, uma pequena fortuna..." (de um gozador anônimo)

TRÁFICO

de seres humanos

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), o número de pessoas traficadas no planeta atinge a casa dos quatro milhões anuais. Em meio a essas denúncias, veio à tona uma realidade escandalosa: o Brasil é um dos países campeões no mundo em relação ao fornecimento de seres humanos para o tráfico internacional.

Já para o Departamento de Estado Norte-Americano, essa cifra é de cerca de 900 mil pessoas. Mas ambos concordam que o tráfico de seres humanos é uma atividade extremamente lucrativa e gera um lucro em torno de 12 bilhões de dólares por ano. Porém a ONU e o governo da América do Norte apresentam um ponto em comum: ambos admitem que a maioria das pessoas traficadas é constituída de mulheres e crianças do sexo feminino.

O Centro de Estudos, Referência e Ações da Criança e Adolescente (Cecria), uma ONG ligada à Universidade de Brasília, liderou uma pesquisa no ano passado sobre o tráfico de pessoas no Brasil. A pesquisa feita em cima de denúncias formuladas às delegacias de polícia, detectou mais de 200 rotas internas de tráfico -

principalmente de meninas e jovens mulheres. Esses seres humanos, usados na indústria da prostituição, são encaminhados às capitais de seus estados natais ou ao "sul maravilha" onde há mais dinheiro e consumidores de sexo.

O mapa deste comércio tem sempre uma constante: as pessoas traficadas são provenientes de regiões pobres e levadas para as regiões ricas. Mesmo que esse transporte se faça dentro do próprio país, o que é conhecido como "tráfico interno".

Artigo de exportação

Recentemente, a Polícia Civil do Estado de São Paulo prendeu uma brasileira e dois coreanos que estavam aliciando garotas para trabalharem como prostitutas na Coréia. A quadrilha, presa devido a uma denúncia feita pela mãe de uma das jovens, fornecia passaporte, dinheiro para viagem e

a promessa de ganho de 90 dólares por programa realizado no país asiático.

A técnica usada pelos coreanos é a mesma que a dos outros traficantes. Eles fornecem passaporte e dinheiro à mulher, sendo que estes lhes são retidos quando chegam ao país para onde foram destinadas. Algumas dessas jovens viajam pensando em trabalhar como dançarinas, baby-sitters, ou mesmo prostitutas, mas nunca como escravas brancas. Chegando ao país destinatário, começa o calvário dessas moças que ficam sem dinheiro, sem documentos e sem falar a língua do lugar. Se forem negras ou mulatas, então, a situação é ainda muito pior, por conta do preconceito que as considera "exotic women", isto é, mulheres exóticas.

O tráfico "coisifica" ao máximo o ser humano. Assim, é que as brasileiras são preferidas na Espanha, Itália ou Suíça, enquanto os alemães preferem, por exemplo, as venezuelanas. A mulher se transforma num artigo idêntico a uma marca de cerveja que pode ser escolhida conforme o gosto do freguês.

Políticas Públicas

O próprio Itamaraty reconhece que, na Espanha, vivem cerca de 20 mil brasileiras, e 10 mil delas, só na cidade de Bilbao. A ONU define o tráfico de seres humanos como a terceira atividade ilegal mais rendosa do mundo, perdendo somente para o tráfico de armamentos e de drogas, respectivamente. Porém, o Departamento de Estado Norte



Americano, num seminário internacional que realizou em fevereiro passado, na cidade de Washington, reconheceu que se continuar como está, logo - em quatro a cinco anos no máximo - o tráfico de seres humanos será o campeão de lucro ilícito no mundo.

No documento redigido pela União de Congregações Religiosas Femininas da Igreja Católica, em 2002, há o testemunho de um proxeneta europeu que, cínicamente, afirma: "A mulher dá mais lucro que a droga ou o armamento. Estes a gente só pode vender uma vez, enquanto que a mulher a gente revende até ela morrer de AIDS, ficar louca ou se matar...".

O combate e enfrentamento do tráfico de pessoas exigem medidas corajosas e eficazes por parte do Estado; o papel da sociedade civil está sendo desempenhado através de diversas organizações que, há anos, debatem e denunciam o problema. O Ministério da Justiça, Itamaraty, Polícia Federal, polícias estaduais, Comissões de Direitos humanos - enfim, o Estado como

tal - precisam tomar atitudes eficazes para tirarem a pecha vergonhosa que recai sobre nosso país: Somos os campeões latino-americanos na "exportação" de crianças e mulheres para a indústria da prostituição nos países do primeiro mundo.

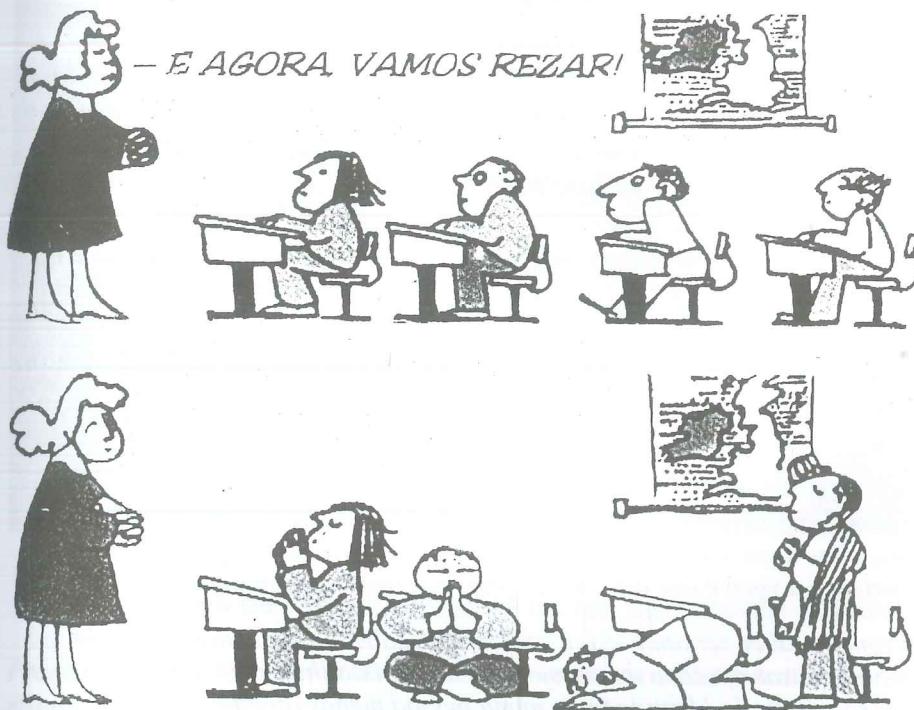
O compromisso de enfrentar esse comércio abominável é o compromisso com os Direitos Humanos. Pois, em nenhuma outra condição, os direitos inalienáveis da pessoa humana são tão desrespeitados como quando ela se transforma - pura e simplesmente - em uma mercadoria de consumo para o prazer de alguns.

* Serviço à Mulher Marginalizada. Brasil - Adital/ SMM*

- ❖ A prostituição de jovens e adolescentes é também uma realidade em nossa cidade? Prática ostensiva ou mascarada?
- ❖ Se é real, algo se faz para salvar essas meninas dessa forma de escravidão?
- ❖ Por que se prostituem? De que precisam para não se prostituir?
- ❖ Sendo crime, a quem e como denunciar? Denunciamos?
- ❖ Algum movimento ou pastoral se dedica a esse problema?

"Nunca ande pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os outros foram". (Graham Bell)

O ensino religioso obrigatório



O ensino obrigatório da religião nas escolas públicas pode ser contraproducente para a unidade dos cristãos e o diálogo inter-religioso. Todas as religiões terão naturalmente o direito de ensinar. As turmas terão que se dividir por confissão religiosa, cada aluno sabendo que outros colegas estão aprendendo verdades diferentes, gerando confusão na cabeça da garotada. É quase impossível evitar a tentação do proselitismo. Além das rivalidades usuais entre adolescentes, será acrescida a crítica às crenças e práticas religiosas do outro e até a caçoada às suas devoções condenadas pela outra religião. Em suma: a fé em Deus une, é praticamente comum a todos. As religiões dividem. Na escola poderá estar sendo gerada a intolerância religiosa que se tornará obstáculo para o ecumenismo tão ardente sonhado. Parece melhor intensificar e aperfeiçoar a formação religiosa nas igrejas, cada qual ao seu estilo, a catequese e as escolas dominicais, mas especialmente investir na formação dos pais para uma fé adulta, capacitando-os para serem os primeiros e mais importantes educadores de seus filhos na fé.

Promessas matrimoniais

Em maio de 98, escrevi um texto em que afirmava que achava bonito o ritual do casamento na igreja, com seus vestidos brancos e tapetes vermelhos, mas que a única coisa que me desagradava era o sermão do padre:

"Promete ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-o e respeitando-o até que a morte os separe?"

Acho simplista e um pouco fora da realidade. Dou aqui novas sugestões de sermões:

Promete não deixar a paixão fazer de você uma pessoa controladora, e sim respeitar a individualidade do seu amado, lembrando sempre que ele não pertence a você e que está ao seu lado por livre e espontânea vontade?

Promete saber ser amiga(o) e ser amante, sabendo exatamente quando devem entrar em cena uma e outra, sem que isso lhe transforme numa pessoa de dupla identidade ou numa pessoa menos romântica?

Promete fazer da passagem dos anos uma via de amadurecimento e não uma via de cobranças por sonhos idealizados que não chegaram a se concretizar?

Promete sentir prazer de estar com a pessoa que você escolheu e ser feliz ao lado dela pelo simples fato de ela ser a pessoa que melhor conhece você e portanto a mais bem preparada para lhe ajudar, assim como você a ela?

Promete se deixar conhecer?

Promete que seguirá sendo uma pessoa gentil, carinhosa e educada, que não usará a rotina como desculpa para sua falta de humor?

Promete que fará sexo sem pudores, que fará filhos por amor e por vontade, e não porque é o que esperam de você, e que os educará para serem independentes e bem informados sobre a realidade que os aguarda?



Cena de festa campestre de um casamento coletivo

Promete que não falará mal da pessoa com quem casou só para arrancar risadas dos outros?

Promete que a palavra liberdade seguirá tendo a mesma importância que sempre teve na sua vida, que você saberá responsabilizar-se por si mesmo sem ficar escravizado pelo outro e que saberá lidar com sua própria solidão, que casamento algum elimina?

Promete que será tão você mesmo quanto era minutos antes de entrar na igreja?

Sendo assim, declaro-os muito mais que marido e mulher: declaro-os maduros para o casamento.

*Poeta

**Quem é essa jovem de Nazaré,
perenamente viva na memória de centenas
de milhões de cristãos e muçumanos?**

Maria do Silêncio

Antonio Allgayer*

Por que a nossa Igreja e grande parte da cristandade, a partir do Concílio de Éfeso, a invocam como Theotokos, Mãe de Deus? Como explicar que em mais de mil idiomas se faça referência a vaticínio seu, segundo o qual todas as gerações a chamariam bem-aventurada? Por que tantos cristãos e não-cristãos incessantemente manifestam profunda admiração por essa humilde moradora de obscuro vilarejo de uma das mais remotas províncias do Império Romano?

Tais indagações não comportam respostas com base em critérios meramente racionais ou informações históricas comuns.

Na verdade, embora sobre ela existam referências bíblicas, parcos e incompletos são os dados biográficos que possuímos de Maria de Nazaré. Onde nasceu? Onde terá passado a infância e a juventude, antes de ser prometida em casamento a um modesto artesão de aldeia, por nome José, da estirpe real de Davi? Qual o seu perfil de mulher, sua estatura, sua tez e demais atributos físicos?

Incontáveis artistas se têm esmerado em esculpir, pintar, poesar ou descrever mulher de singular formosura, à qual deram o nome de Maria, Mãe de Jesus.

É que algo humanamente inconcebível com ela aconteceu: Nela a maternidade e a virgindade se conjugam em harmoniosa síntese. Depois que deu à luz o seu filho, o mundo já não era o mesmo e a história da humanidade se dividiu em antes dele e depois dele. Maria protagonizou o mais estupendo milagre do amanhecer da era cristã. No momento em que dava o seu sim ao projeto anunciado pelo anjo Gabriel o Criador do Universo nela se fez criatura. Ou, se nos louvarmos em verso esculturado pelo gênio imortal de Dante Alighieri, ela gerou o seu genitor.

Nove meses após a Encarnação do Verbo no seio virginal de Maria, o Salvador do Mundo nascia no pequeno burgo de Belém. Frágil, inseguro, dependente de cuidados maternos, Deus-criança sorria, chorava, alimentava-se de leite

materno, aquecia-se ao calor dos animais de um estábulo. Para deslustre de perecíveis glórias, ali jazia, na manjedoura convertida em berço real, o Reis dos reis, indiferente a régias pompas e majestáticas mesuras. Identificando com as crianças pobres que nascem em vilas da periferia de nossas cidades, longe do grande público, das elites políticas e religiosas, do mundo social em que se ostenta o fausto e se celebram eventos espetaculares, Jesus foi acolhido por humildes pastores, no silêncio de uma fria madrugada de Belém. Deste modo ingressava pobre no despojado mundo dos pobres, aos quais diria, mais tarde, que o Reino de Deus a eles pertence.

Algumas pistas sobre a personalidade e os predicados humanos de Maria de Nazaré, podemos retraçar a partir dos Evangelhos, em especial o de Lucas. Ao que é lícito supor, quase em nada se diferenciava ela das demais mulheres da Galiléa. Será correto chamá-la Maria do Silêncio. Deveras é este o designativo que espelha o seu perfil de mulher sóbria, comedida na fala e auscultadora dos desígnios divinos. Silente e discreta, Maria meditava e guardava no coração eventos relacionados com o seu filho Jesus (Lc 2,51).

Um devocionismo romântico e fantasista a tem distanciado da vida dos mortais comuns. Em vez de situa-la em sua real grandeza de esposa e mãe inconfundivelmente humana, tem prevalecido a tendência de prestar-lhe um culto



desligado da verdadeira fé que ela representa. O teólogo Karl Rahner faz-lhe justiça nestes termos: "...ela viveu uma vida realmente comum, oculta, de trabalho, no ordinário da existência penosa de qualquer pobre mulher de um pobre rincão qualquer de um pequeno país, afastada da grande história, da grande civilização e da política. Conheceu a busca e a angústia, nunca soube tudo, chorou, deve ter-se colocado inúmeras perguntas, como os demais homens, etapa após etapa, ao longo de sua existência."

Em seu viver quotidiano, prosaico e rotineiro, nós a surpreenderíamos dividindo o seu tempo entre os afazeres domésticos e os cuidados para com o seu menino Jesus, que certamente gostava de "criançar" com judeuzinhos da vizinhança, como os quais se entreteinha no

linguajar aramaico de sotaque galileu.

O papa Paulo VI resgatou a imagem de Maria como mulher forte. Na encíclica Marianis cultus legou-nos esta luminosa página: "Maria de Nazaré, ainda que tendo-se abandonado à vontade do Senhor, foi algo completamente distinto de uma mulher passivamente submissa ou de religiosidade alienante; bem pelo contrário, foi uma mulher que não duvidou de proclamar que Deus é o vingador dos humildes e dos oprimidos e que derruba de seu

trono os poderosos do mundo". (Lc 1, 51-53).

Pouco antes de expirar no patíbulo, o Filho confiou-lhe João, o discípulo amado: "Mulher, eis aí teu filho!". Sempre se tem entendido que João nos declarava irmãos seus, filhos da mesma Mãe. Maria teve, na ordem do sangue, um único filho, o Filho de Deus. E, na ordem da graça, todos os nascidos de mulher.

"Alegra-te, ó tu que tens o favor de Deus, o Senhor está contigo" (Lc 1,28).

*Jurista. Mfc Porto Alegre, RS. Ex-Coordenador do CONDIR-Sul.

Retratando a paz

Um rei ofereceu um prêmio para o artista que melhor pudesse retratar a idéia de paz. Muitos pintores enviaram seus trabalhos ao palácio, mostrando bosques ao entardecer, rios tranqüilos, crianças correndo na areia, arco-íris no céu, gotas de orvalho em uma pétala de rosa.

O rei examinou o material enviado, mas terminou selecionando apenas dois trabalhos. O primeiro mostrava um lago tranqüilo, espelho perfeito das montanhas poderosas e do céu azul que o rodeava. Aqui e ali se podiam ver pequenas nuvens brancas e, para quem reparasse bem, no canto esquerdo do lago existia uma pequena casa, com a janela aberta, a fumaça saindo da chaminé - o que era sinal de um jantar frugal, mas apetitoso.

O segundo quadro também mostrava montanhas, mas estas eram escabrosas, os picos afiados e escarpados. Sobre as montanhas, o céu estava implacavelmente escuro e das nuvens carregadas saíam raios, granizo e chuva torrencial. A pintura estava em total desarmonia com os outros quadros enviados para o concurso. Entretanto, quando se observava o quadro cuidadosamente, notava-se numa fenda da rocha inóspita um ninho de pássaro. Ali, no meio do violento rugir da tempestade, estava sentada calmamente uma andorinha.

Ao reunir sua corte, o rei elegeu essa segunda pintura como a que melhor expressava a idéia de paz. E explicou:

- Paz não é aquilo que encontramos em um lugar sem ruídos, sem problemas, sem trabalho duro, mas o que permite manter a calma em nosso coração, mesmo no meio das situações mais adversas. Esse é o verdadeiro e único significado da paz.

Frei Betto*

COBRANÇAS COBBVNCV2

Pior que cobrança de credores é a de quem se sente lesado em seus sentimentos. Devido à minha ontológica insuficiência, projeto nos outros as minhas ansiedades, expectativas e esperanças.

Isso é normal, pois o mitemismo é inerente à educação. Busco no outro -- o pai, o amigo, Deus -- aquilo que não sou e nem tenho e, no entanto, faz com que o brilho do outro ofusque o meu. Quem sabe estar próximo a ele embebe-me do que o torna admirável a meus olhos.

Da projeção, no início sutil, inconsciente, disfarçada de gratuidade, emerge a identificação. Acho que o outro deve fazer de mim o centro de sua atenção, já que o promovi a alvo da minha. Quero a reciprocidade, o reconhecimento, o movimento dele em minha direção.

Instaura-se, pois, de modo quase imperceptível, o processo de cobrança. Nem sequer desconfio de que o outro não tem comigo a mesma identificação que tenho com ele. Não sou o alvo da atenção dele. Mas como ele é o da

minha, prefiro não admitir o contraste, abafando assim o que poderia irromper como um princípio de ciúme.

Da identificação, passo à apropriação simbólica do outro. A amizade dele me agrada, infla o meu ego e, portanto, devo cuidar de tê-lo sempre por perto. Inicia-se o jogo de sedução: agrados, elogios, presentes. Como a aranha, armo a teia para enredá-lo. Quero-o sob o meu controle.

Quanto mais me julgo próximo dele, mais me cubro com a ilusão de que ele tem por mim os mesmos sentimentos que nutro por ele. É isso que me faz acumular virtualmente, na contabilidade de minhas emoções, um ativo que, na verdade, se traduz na ilusão de que a minha carência deixou de ser um profundo buraco pelo simples fato de o outro tapá-la com uma pele delgada e frágil - a delicadeza de sua boa educação. Tal cegueira faz com que eu confunda gentileza com carinho, sorriso com amizade, atenção com dedicação.

Um dia as escamas caem dos olhos. Descobre-se que o outro tem mais afinidades com terceiros, reserva o seu afeto mais profundo a

outros, sente-se mais à vontade com outras companhias. Vem, então, a mágoa, a ferida, a dor e, com elas, a cobrança.

Como um vulcão, a cobrança tem matizes e fases. Primeiro, a fumaça sob a qual me esconde, fazendo-me de vítima. Em seguida, a larva das palavras ferinas, da agressão, da rejeição, como se agora eu impusesse a ele mesma distância que, afinal, descobri que ele mantém entre nós. Depois, a explosão, o ódio, a injúria. Vem à tona o débito infinito. Ele me deve. Ele roubou parte de mim e está obrigado a devolvê-la. Como não posso arrancar um pedaço dele, faço-o moralmente, destruindo a sua boa fama, minando as suas amizades, clamando quão mau caráter e monstruoso ele é.

Embora nada disso passe pela cabeça e pelos sentimentos dele, e eu seja a única vítima de mim mesmo, torno-me credor de uma dívida que insisto em obrigar a pagar. Cobro, cobro, cobro, com toda a força da memória ressentida. Cobro de mim mesmo a

- ❖ Conhecemos cobradores exigentes? Talvez... nós mesmos?
- ❖ O que estas reflexões do autor suscitam em nós? Como alertar os cobradores que conhecemos sobre os efeitos da larva do vulcão?

O Inesperado

Nenhum de nós pode programar a vida como uma linha reta imutável, inflexível... A cada instante as surpresas rebentam... E temos que ter humildade e imaginação criadora para ir salvando o essencial através do inesperado de cada instante...

(Dom Helder Câmara)

incapacidade de aceitar o outro como ele é e não como eu gostaria que fosse.

Se ele é uma pessoa pública -- atleta, artista, político -- esforço-me por obter ao menos um sinal de que não sou totalmente ignorado por ele: um abraço, uma assinatura, uma foto. Se me escapa a sensatez, desperto o canibal que me habita e procuro devorar o objeto de meu apreço, agora transformado em possessão, como o fã que matou John Lennon. Se não é meu, que não seja de mais ninguém. A admiração transmuta-se em inveja -- que é a tristeza de não ser ou ter o que o outro é ou tem. A profunda frustração de não desfrutar dos mesmos bens que, aos meus olhos, faz do outro uma pessoa vitoriosa e feliz.

Para se evitar a cobrança, só há um antídoto: a humildade de ser o que se é, sabendo perder e preservar a auto-estima.

*Dominicano, é autor de *O vencedor*, entre outros livros

Sentença

Indaga-me, jovem amigo, se as sentenças podem ter alma e paixão. O esquema legal da sentença não proíbe que tenha alma, que nela pulsem vida e emoção, conforme o caso. Na minha própria vida de juiz senti muitas vezes que era preciso dar sangue e alma às sentenças. Como devolver, por exemplo, a liberdade a uma mulher grávida, presa porque trazia consigo algumas gramas de maconha, sem penetrar na sua sensibilidade, na sua condição de pessoa humana? Foi o que tentei fazer ao libertar Edna, uma pobre mulher que estava presa há oito meses, prestes a dar à luz, com o despacho que a seguir transcrevo.

João Batista Herkenhoff*

"A acusada é multiplicadamente marginalizada: Por ser mulher, numa sociedade machista... Por ser pobre, cujo latifúndio são os sete palmos de terra dos versos imortais do poeta. Por ser prostituta, desconsiderada pelos homens, mas amada por um Nazareno que certa vez passou por este mundo. Por não ter saúde. Por estar grávida, santificada pelo feto que tem dentro de si. Mulher diante da qual este juiz deveria se ajoelhar numa homenagem à maternidade, porém que, na nossa estrutura social, em vez de estar recebendo cuidados pré-natais, espera pelo filho na cadeia. É uma dupla liberdade a que concedo neste despacho: liberdade para Edna e liberdade para o filho de Edna que, se do ventre da mãe puder ouvir o som da palavra humana, sinta o calor e o amor da palavra que lhe dirijo, para que venha a este mundo, com forças para lutar, sofrer e sobreviver. Quando tanta gente foge da maternidade... Quando pílulas anticoncepcionais, pagas por instituições estrangeiras, são distribuídas de graça e sem qualquer critério ao povo brasileiro... Quando milhares de brasileiras, mesmo jovens e sem discernimento, são esterilizadas... Quando se deve afirmar ao mundo que os seres têm direito à vida, que é preciso distribuir melhor os bens da terra e não reduzir os comensais... Quando, por motivo de conforto ou até mesmo por motivos fúteis, mulheres se privam de gerar, Edna engrandece hoje este Fórum, com o feto que traz dentro de si.

Este juiz renegaria todo o seu credo, rasgaria todos os seus princípios, trairia a memória de sua mãe, se permitisse sair Edna deste Fórum sob prisão. Saia livre, saia abençoada por Deus... Saia com seu filho, traga seu filho à luz... Porque cada choro de uma criança que nasce é a esperança de um mundo novo, mais fraterno, mais puro, e algum dia cristão... Expeça-se incontinenti o Alvará de Soltaura."

*Juiz, livre-docente da Universidade Federal do Espírito Santo

Reflexão sobre a arte de ouvir

52

Arthur da Távola*

Um dos maiores problemas da comunicação, tanto a de massas como a interpessoal, é de como o receptor, ou seja, o outro ouve o que o emissor, ou seja, a pessoa falou.

Numa mesma cena de telenovela, notícia de telejornal ou numa simples discussão, observe que a mesma frase permite diferentes níveis de entendimento.

Na conversação dá-se o mesmo. Raras, rariíssimas são as pessoas que procuram ouvir exatamente o que a outra está dizendo.

Observe que:

- 1) Em geral, o receptor não ouve o que o outro falou: ele ouve o que o outro não está dizendo.
- 2) O receptor não ouve o que o outro fala: ele ouve o que quer ouvir.
- 3) Ele ouve o que já escutou antes e coloca o que o outro está falando naquilo que se acostumou a ouvir.
- 4) Ele ouve o que imagina que o outro ia falar.
- 5) Numa discussão, em geral, os discutidores não ouvem o que o outro está falando. Eles ouvem quase que só o que estão pensando para dizer em seguida.
- 6) Ele ouve o que gostaria ou de ouvir ou que o outro dissesse.
- 7) A pessoa não ouve o que a outra fala. Ela apenas ouve o que está sentindo.
- 8) Ela ouve o que já pensava a respeito daquilo que a outra está falando.
- 9) Ela retira da fala da outra apenas as partes que tenham a ver com ela e a emocionem, agradem ou desagradem.
- 10) A pessoa não ouve o que a outra está falando. Ouve o que confirme ou rejeite o seu próprio pensamento. Vale dizer, ela transforma o que a outra está falando em objeto de concordância ou discordância.
- 11) A pessoa não ouve o que a outra está falando: ouve o que possa se adaptar ao impulso de amor, raiva ou ódio que já sentia pela outra.

+

12) A pessoa não ouve o que a outra fala: ouve da fala dela apenas aqueles pontos que possam fazer sentido para as idéias e pontos de vista que no momento a estejam influenciando ou tocando mais diretamente.

Esses doze pontos mostram como é raro e difícil conversar. Como é raro e difícil se comunicar. O que há, em geral são monólogos simultâneos, paralelos. O próprio diálogo pode haver sem que, necessariamente, haja comunicação. Pode haver até um conhecimento a dois, sem que, necessariamente, haja comunicação. Esta (a comunicação) só se dá quando ambos os pólos ouvem-se, não apenas no sentido material de "escutar", mas também no sentido de procurar compreender em sua extensão e profundidade o que o outro está dizendo.

Ouvir, portanto, é muito raro. É necessário limpar a mente de todos os ruídos e interferências do próprio pensamento durante a fala alheia. Ouvir implica uma entrega ao outro, uma diluição nele. Daí a dificuldade de as pessoas inteligentes efetivamente ouvirem. A sua inteligência em funcionamento constante, o seu hábito de pensar, avaliar, julgar e analisar tudo interferem e como um ruído na plena recepção daquilo que o outro está falando.

Não é só a inteligência a atrapalhar a plena audiência. Outros elementos perturbam o ato de ouvir. Um deles é o mecanismo da defesa. Há pessoas que se defendem de ouvir o que as outras estão dizendo por verdadeiro pavor inconsciente de se perderem a si mesmas. Elas precisam "não ouvir" porque "não ouvindo" livram-se da retificação dos próprios pontos de vista, da aceitação de realidades diferentes das próprias. Livram-se do novo que é saúde, mas que as apavora. Não ouvir é, pois, sólido mecanismo de defesa.

Ouvir é um grande desafio. Desafio de abertura interior, de impulso na direção do próximo, de comunhão com ele, de aceitação dele como é e como pensa. Ouvir é proeza, ouvir é raridade. Ouvir é ato de sabedoria. Depois que a pessoa aprende a ouvir, ela passa a fazer descobertas incríveis, escondidas ou patentes em tudo àquilo que os outros estão dizendo. (Artur da Távola)

Reflexão sobre a arte de ouvir

53

Há determinados temas que insinuam abismos na sociedade e sobre os quais pouco se debate; talvez porque para debatê-los seja preciso encarar o abismo. A pedofilia, sem dúvida, é um desses temas.

Pedofilia O DESEJO PERVERSO

arcos Rolim*

O ato de manter relações sexuais ou de sustentar qualquer tipo de relação libidinosa com crianças constitui motivo de horror nas sociedades modernas. Estamos a falar, por óbvio, de uma perversão que se estrutura a partir da negação do outro.

Se o pressuposto desse desejo perverso é o de debruçar-se sobre um ser que sequer sabe da sua sexualidade e que, por definição, não pode tomar decisões autônomas a respeito, então a pedofilia expressa uma vontade radical de dominação. Desejar sexualmente uma criança é manifestação de uma grave doença; realizar esse desejo, um crime abjeto.

Chama a atenção o fato de que, mais recentemente, os noticiários no Brasil e no mundo dêem conta de mais e mais casos de pedofilia. O fenômeno, de tão grave e extenso, tornou-se visível até mesmo na Igreja Católica. Com efeito, tudo leva a crer que estamos diante de um problema diante do qual talvez seja preciso ainda desenvolver novos estudos enquanto políticas de prevenção ao abuso vão sendo construídas sob orientação dos especialistas.

Nesse debate mais amplo sobre o recrudescimento dos casos de pedofilia, penso que seria importante pesquisar o tipo de influência que a mídia, destacadamente a Internet e a televisão, pode ter no próprio fenômeno. É, de fato, assustador que inúmeros sites pornográficos com imagens de crianças e adolescentes estejam disponíveis na Internet. Abrigados nos EUA, estes sites não possuem registro e seus autores permanecem impunes. Já há muitos anos especialistas na área têm se preocupado com o fato da TV estar permitindo uma erotização precoce de crianças e adolescentes.

Quando meninas aparecem maquiadas e travestidas de mulheres em coreografias que insinuam o ato sexual ou, ainda, quando os programas infantis são atravessados por uma linguagem vulgar e maliciosa, estamos diante de uma violação dos Direitos Humanos das crianças e dos adolescentes. Talvez, entretanto,

estejamos diante de algo mais. Penso que determinadas personalidades com tendências pedófilas possam ser estimuladas por esse tipo de veiculação distorcida da imagem de crianças. Assim, aquilo que - contido até então - era um impulso ou uma tensão perversa pode, na TV ou na Internet, encontrar algo que lhe ofereça um canal de legitimação.

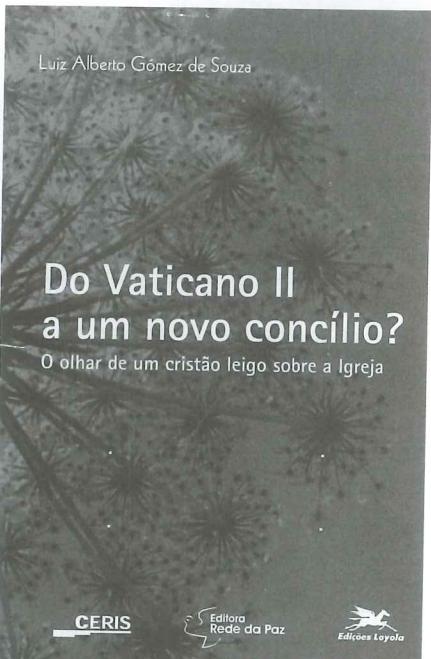
Seja como for, nunca será demais lembrar que o perfil mais comum dos pedófilos não costuma repetir casos como o daquele médico paulista, preso recentemente após a polícia tomar conhecimento de fitas que ele mesmo gravava.

“Do Vaticano II a um novo Concílio?” *O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja*

Luiz Alberto Gómez de Souza, sociólogo cristão, personalidade destacada do laicato brasileiro, recupera neste livro a memória dos movimentos eclesiais no Brasil, desde a Ação Católica e seus desdobramentos. Mostra o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, uma nova forma de ser Igreja, das quais segue sendo assessor. Revela os bastidores do Concílio Vaticano II, das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo. Provoca, por fim, uma reflexão sobre a oportunidade de um novo Concílio, realmente ecumênico, participativo, construído a partir da reflexão e da inspiração das bases, para enfrentar questões não resolvidas na vida da Igreja. Revela a palavra de D. Helder Câmara, ao terminar o Concílio Vaticano II, em 1965: “Chegamos onde era possível neste momento histórico. É hora de começar a pensar num novo Concílio”.

O abuso sexual contra crianças é, basicamente, uma prática doméstica e o perfil dos agressores é, via de regra, bastante familiar. Por isso, para milhares de crianças em nosso país, a casa onde moram é, sobretudo, um lugar muito perigoso.

*Jornalista.



Edições Loyola, Coleção CERIS, 2004.

Ovo e galinha

Há uma dialética de interação transformadora. Não basta “conscientizar” as pessoas. Ninguém é o que pensa, nem mesmo de si próprio. Somos os nossos atos. Na vida, temos a liberdade de apenas escolher as sementes. Depois haveremos de, inelutavelmente, colher o que plantamos. Isso vale para a vida pessoal, social e política. Por isso as nossas opções fundamentais são tão importantes. São elas o nosso verdadeiro retrato. Nem, ovo, nem galinha. Os dois juntos, o ovo contendo a galinha, a galinha botando o ovo. As pessoas mudam mudando o mundo. Mudado, o mundo muda as pessoas.

Eis o enigma que intriga a nossa vã filosofia: o que veio primeiro, o ovo ou a galinha? Para as tradições religiosas, muda-se o mundo transformando, primeiro, as pessoas. Formadas no bem, farão uma sociedade melhor. Para as utopias libertárias, é preciso mudar o mundo para que nenhuma pessoa seja induzida a praticar o mal. O ovo ou galinha? As duas vias tiveram as suas oportunidades históricas.

A igreja criou escolas católicas destinadas à boa formação de nossas elites. Notórios políticos brasileiros, que ocuparam governos de Estados e até a presidência da

República, foram alunos daqueles colégios. Nem por isso as políticas que implementaram coincidiram com a proposta evangélica de defesa irredutível dos direitos dos pobres. Em muitos casos, nem as pessoas mudaram, nem o mundo.

A formação religiosa, quanto tem força de conversão, modifica hábitos pessoais, elimina vícios e aprimora virtudes, incute valores e alarga o horizonte ético. Mas não induz necessariamente à crítica estrutural da sociedade. Antes, adequa melhor o convertido aos valores vigentes na ordem social. E nem sempre são valores positivos, como é o caso da competitividade, antagônica ao

Frei Betto*

preceito evangélico da solidariedade.

Uma pessoa que opera mudanças sem sua vida pessoal não o faz imperiosamente na vida social. Ela “salva-se” sem se empenhar em salvar o mundo, ou seja, liberta-lo de tantas marcas do pecado, como as estruturas que produzem desigualdade social.

A via contrária também foi testada. Ao revolucionar a sociedade, o socialismo não mudou radicalmente as pessoas. Prova disso é que, após 70 anos de “nova sociedade”, bastou a União Soviética ruir, para que a sociedade russa apresentasse a sua face cruel, da rede mundial de pedófilos, via internet, ao fato de Mascou superar Nova York em número de multimilionários do dólar.

Antônio Machado já ensinava que o caminho se faz ao caminhar. A pessoa muda na medida em que transforma o mundo. E quanto mais a sociedade é mais justa, mais produz seres humanos voltados ao bem, assim como as pessoas de bem se empenham em construir uma convivência social melhor.

Há uma dialética de interação transformadora. Não basta “conscientizar” as pessoas. Ninguém é o que pensa, nem mesmo de si próprio. Somos os nossos atos. Na vida, temos a liberdade de apenas escolher as sementes. Depois haveremos de, inelutavelmente, colher o que plantamos. Isso vale para a vida pessoal, social e política. Por isso



Quatro bilhões de homens e mulheres criados à imagem e semelhança de Deus vivem, no mundo, abaixo da linha de pobreza.

as nossas opções fundamentais são tão importantes. São elas o nosso verdadeiro retrato.

Nem, ovo, nem galinha. Os dois juntos, o ovo contendo a galinha, a galinha botando o ovo. As pessoas mudam mudando o mundo. Mudado, o mundo muda as pessoas. Numa sociedade de estruturas justas, posso querer praticar o mal. Fico, porém, na intenção, a menos que prefira correr o risco de ser punido pela lei e perder a liberdade. Numa sociedade

injusta, a lei protege quem opõe e castiga o oprimido.

Jesus pregou a mudança pessoal, a conversão, e a transformação desse mundo, pelo advento do Reino de Deus. Anunciar um outro reino dentro do reino de César era, no mínimo, uma subversiva ousadia, pela qual Jesus pagou com a vida. O seu exemplo impregnou a dinâmica histórica no rumo das utopias libertárias. Mas ainda estamos longe de alcançar uma civilização verdadeiramente humana.

Somos 6,1 bilhões de habitantes, dos quais 4 bilhões vivem abaixo da linha da pobreza.

❖ *Como contribuir para essa "globalização da solidariedade"?*

O homem é, ainda, o lobo do homem. Basta ver as torturas aplicadas aos prisioneiros iraquianos por soldados da pátria que se erige em paladino da liberdade. A maioria da população mundial nasce para morrer antes do tempo. Quebram-se os ovos, matam-se as galinhas.

Contudo, a esperança perdura, fazendo considerável parcela da humanidade crer e lutar para que, no futuro, todos os projetos políticos deságüem na globalização da solidariedade e na civilização do amor.

*Escritor, frade dominicano

Frases que não deviam ter sido ditas...

"Tudo o que podia ser inventado já foi inventado."

Charles H. Duell, gerente do Escritório de Patentes dos Estados Unidos, em 1899

"Quem imagina que a transformação do átomo possa ser uma fonte de energia está dizendo bobagem."

Lord Rutherford, o descobridor da fissão nuclear, em 1939

"O fonógrafo não tem nenhum valor comercial."

Thomas Edison, inventor do toca-discos, em 1880

"É uma invenção maravilhosa, mas que não passa de um brinquedo."

Gardiner Hubbard, sogro de Alexander Graham Bell, o inventor do telefone, em 1876

"Em seis meses a televisão some do mercado. As pessoas vão se cansar de ficar sentadas diante de uma caixa de madeira."

Darryl F. Zanuck, presidente da 20th Century Fox, em 1946

"Não existe nenhuma razão que justifique uma pessoa ter um computador em casa."

Ken Olson, fundador da Digital Equipment Corporation, a maior competidora da IBM, em 1977

Liderar, mandar, comandar, impor, ditar, governar, exigir. Propor, aconselhar, persuadir, animar, orientar. As pessoas na Igreja podem fazer tudo isso. Mas o ideal é servir.

Príncipes ou pastores?

Pe. Zezinho, scj

No reino de Deus proposto por Jesus há que haver líderes. Mas quem tiver mais autoridade é quem deve servir mais e melhor. Jesus mesmo dá o exemplo. "Se eu, Mestre e Senhor fiz isso, façam isso quando em autoridade". Ele acabara de lavar os pés dos seus discípulos. Fizera o que os escravos faziam. O texto é claro. Não deixa margem a dúvidas.

Na Igreja há o povo e os que devem servir o povo. Papa, bispo, padre, diácono, ministro, religioso, religiosa... Há sinais, vestimentas, lugares, títulos que marcam, na Igreja, o papel da autoridade religiosa.

Já vimos isso. A Igreja se desenvolveu num tempo em que as autoridades eram monárquicas ou imperiais. E herdou roupas, rituais, pompas e costumes. Mas enquanto reis, condes, príncipes, rainhas e duques mudaram seus trajes e até seus ceremoniais, em alguns aspectos a Igreja conservou trajes,

coroas, cetros, brasões e sinais da monarquia. E é muito criticada por isso.

Como entender ou discordar?

Como aceitar isso? Numa mesma Igreja onde há bispos andando de sandálias, em manga de camisa, padres que se vestem de maneira



pobre e simples, há outros que preferem o sinal de realeza. E insistem no título e no traje.

Há lugar no seu coração de católico para entender tudo isso? Sua Igreja é monárquica, mas luta por ser popular. Talvez até mude, se gente como você não tiver ido

embora antes...

A autoridade é necessária. O jeito de exercê-la é que tem que ser simples. Alguns conseguem. Outros não. Ore e insista. Também isso faz parte da conversão da Igreja. Que os irmãos constituídos em autoridade sejam simples. Jesus foi.

A conversão do Cristianismo

No século IV terminou a perseguição aos cristãos no Império Romano. Constantino e depois Teodósio, imperadores de especial talento político, constataram a expansão incontrolável do cristianismo e o reconheceram como um movimento lícito que acabou se tornando, por decreto, a religião oficial do Império. Foi um esperado alívio o fim da perseguição sangrenta que produziu tantos mártires nos primeiros séculos do cristianismo. A contra-partida é que ainda hoje se questiona: os imperadores se converteram de fato à mensagem cristã ou o cristianismo se converteu ao Império?

Porque nessa conversão de sentido duvidoso, surgiu a hierarquia imperial e totalitária da Igreja. Seus líderes adotaram as vestimentas e símbolos do poder dos imperadores, com seus báculos e mitras, até hoje usados pelos que governam a Igreja. Ocuparam palácios, estabeleceram suas cortes de dignatários e construíram catedrais compatíveis com a afirmação de seus novos poderes.

A expansão do cristianismo exigia, naturalmente, alguma forma de organização institucional e de governo, mas não necessariamente a do Império Romano.

Assim, nos perguntamos qual seria hoje o modelo de Igreja se essa conversão ao Império não tivesse descaracterizado o modelo comunitário participativo original que, nas comunidades primitivas, dispensava o poder religioso eclesiástico e seus símbolos, para exercer nada mais que o poder-serviço, sem pompas, templos e tronos.

Jesus também foi tentado mas resistiu.

(Redação)

"É muito melhor arriscar coisas grandiosas a alcançar triunfos e glória, mesmo expondo-se a derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta a que se conhece como nem vitória nem derrota." (F. D. Roosevelt)

Uma certa

Boa-Nova

teriam futuro sobretudo por que seu presente parecia incerto.

Dante delas inevitáveis perguntas sempre apareciam. Temos todos a arte de fazer perguntas para as quais não há respostas convincentes!

Por que algumas sementes ficaram à beira do caminho ou brotaram em meio a caminhos pedregosos e outras em covas limpas, pré-preparadas e alinhadas? Por que algumas foram cuidadas, regadas, olhadas com esperança? E por que outras brotaram à beira do caminho ou em meio às pedras, esperando que o cuidado viesse dos pequenos insetos, das aves, do sol e não do semeador?

Algumas sementes, entretanto, escapavam dos dedos do semeador e caíam à beira do caminho. Não se sabe bem por qual acaso iam se depositando aqui e acolá expostas ao sol e ao vento. O semeador mal se dava conta disto concentrado no seu árduo e belo trabalho.

Vieram pássaros e comeram algumas sementes e com suas patinhas enterraram outras. De seus bicos e em pleno vôo se espalharam outras por outros caminhos. Formigas e outros insetos fizeram um trabalho semelhante. As sementes à beira do caminho ou em meio a pedras e abrolhos, apesar de um certo abandono, começaram a crescer ao mesmo tempo que as plantadas cuidadosamente pelo semeador. Sua debilidade显而易见 a olho nu. Qualquer observador poderia se perguntar se

Estavam ali crescendo dificilmente e sendo apenas a esperança breve de pássaros e de pequenos insetos. No entanto elas estavam ali, vivas, juntas ou separadas, marcando presença, chamando a atenção dos que têm olhos para observá-las.

Elas estavam ali, verdes, vivas e tentando a seu modo proteger a vida que as habitava. Tinham vida, essa complexa e espantosa energia que se mantém hoje e se anuncia para amanhã. Elas estavam simplesmente vivas...

Alguns passantes queriam arrancá-las, pois o trator não iria alcançá-las para a poda. Outros diziam que era melhor deixá-las como forma de proteção da lavoura metodicamente plantada. Outros ainda, concentrados nos próprios afazeres ignoravam sua existência.

Elas coexistiam à margem, junto à lavoura verde. Esta, adubada e abundante, sinalizava a fartura e a opulência dos proprietários. Já permitia até ouvir o tilintar das moedas de ouro ou das "notas verdes" acumuladas nos templos financeiros. Já prometia prazeres e vida boa.

Entretanto, apesar das diferenças, todas as sementes eram originariamente do mesmo saco. Lá estiveram juntas no escuro da gestação da vida. Depois, foram jogadas pelo mesmo semeador embora tivessem tido destinos diferentes. E, por mais explicações que possamos encontrar para sua história diferente, as explicações não nos convencem.

Nossas perguntas ficam sem respostas. Nossos "porquês" ficam em aberto... E mais, nossas frágeis respostas não resistem aos golpes violentos que a vida dá e ao sofrimento inocente que ela produz. Em toda sementeira há os que são jogados e nascem no caminho do cuidado institucional e outros que nascem à margem e parecem sobreviver pela força teimosa da vida. É como se a vida fizesse este jogo como algo inerente à contradição de forças que a faz existir. Mas, esta é mais uma reflexão que deixa em aberto

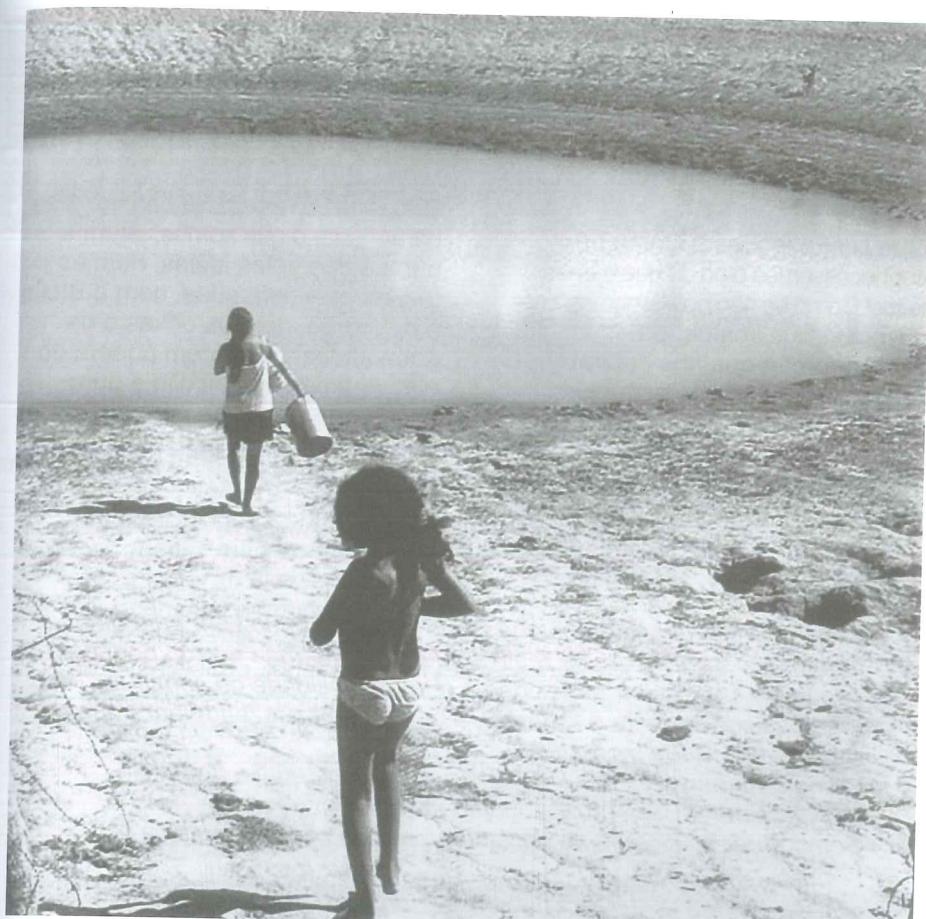
nossas perguntas; é uma tentativa de compreender a complexidade da vida, um ensaio de compreensão que satisfaz e ao mesmo tempo não satisfaz.

A parábola acima narrada, parábola inspirada de outras tantas, faz pensar nas diversas formas de organização humana assim como nas diversas formas de exclusão e participação social dos pobres. A partir dela me vem à memória aquele dito tão recordado e tão refutado pelos sonhadores da justiça de que "pobres sempre tereis convosco". Quisemos por um tempo negar esta velha sabedoria.

Quisemos explicá-la de diferentes maneiras como se de fato acreditássemos que seríamos capazes de verdadeira justiça e da verdadeira igualdade. Quisemos dizer que por intermédio de nossa organização não haveria mais pobres no meio de nós. Os pobres para nós eram frutos de pura circunstância.

A injustiça era devida apenas às más ações que praticamos e estas poderiam ser extirpadas se fôssemos capazes de romper com as formas de exploração em vigor. Gritamos por justiça acreditando que só a revolução, ou melhor, a revolução armada, devolveria a dignidade aos pobres.

Acreditamos que derrubando os poderosos de seus tronos, outros não se levantariam como novos poderosos e com novos poderes.



As desigualdades sociais permanecem e o esforço parece vã. Mas o cristão não pode sepultar a sua esperança, ainda que as utopias pareçam afastar-se a cada passo dado na missão de construir um mundo mais justo e solidário.

Apostamos que os humildes libertados não se formariam, com o tempo, em novos algozes. Apostamos que os ricos convertidos não voltariam mais às suas ações nefastas.

Tivemos fé na fé dos humildes e na transformação dos corações de pedra em corações de carne como se o processo fosse simples e seguisse um único método e um

único caminho.

Ferimos e matamos em nome da justiça e levantamos muros para nos proteger uns dos outros. Produzimos e vendemos armas de guerra, convencidos de que eliminar os "opressores do povo" poderia ser a grande saída. Identificamos o opressor! Aí está ele! É preciso apenas transformá-lo, reeducá-lo

segundo a verdadeira moral e os verdadeiros costumes. A transformação está à porta, o mundo novo se anuncia e, alguns já conseguiram até ouvir as trombetas anunciando o final de toda opressão.

Que ilusão a nossa! Como não conhecêssemos o pó de que somos feitos! Como se não nos lembrássemos da mistura que somos, da desproporção que nos habita! Como se tivéssemos esquecido que ao logo da história humana sempre criamos inclusões e exclusões, sempre estivemos em vias injustas e caminhos tortuosos! Como se os que se consideram justos acreditassesem ser capazes

de descobrir caminhos originais que pudessem converter o coração de milhares e assim fossem capazes de instaurar relações humanas mais justas!

Que ilusão a nossa! Não há mágicas para mudar o que somos. Nem a pureza das belas idéias, nem as teorias pré-fabricadas, nem a Bíblia e o Alcorão, nem os orixás e os encantados... Ninguém poderá do alto vir em nosso auxílio e num passe de varinha de condão transformar a nossa realidade humana.

*Teóloga. Extraído de "Tempo e Presença". Koinonia.

- ❖ Às vezes nos esquecemos que Deus criou o mundo com tudo que todos necessitam para se realizar plenamente, mas deixou por conta dos homens e mulheres criados a responsabilidade de construir uma sociedade justa e fraterna. O que estamos fazendo para que o projeto de Deus se realize?
- ❖ Como podemos desenvolver ações concretas, aqui e agora, individualmente, em grupos, como movimento e Igreja?
- ❖ Como atuar politicamente para que a justiça social prevaleça?

ÁLCOOL E DROGAS: EM CASO DE NECESSIDADE, BUSQUE AJUDA GRATUITA DOS GRUPOS ANÔNIMOS NA INTERNET

AL-ANON: A ajuda dos familiares do alcoólico

--- <http://www.al-anon.org.br>

DEPRESSÃO: A ajuda dos neuróticos anônimos

--- <http://www.neuroticosanonimos.org.br>

ÁLCOOL: A ajuda dos alcoólicos anônimos

--- <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

DROGAS: A ajuda dos narcóticos anônimos

--- <http://www.na.org.br>

Encontro com Noivos e metodologia participativa

Deonira Lúcia Viganó La Rosa*

Reflexões de uma equipe do MFC da Bahia

Preparando um Encontro sobre Pastoral Familiar, em abril de 1990, a CNBB publicou documento com afirmações que merecem ser republicadas e grifadas (p.3-4):

A Pastoral Familiar precisa:

- *superar um problema de fundo, que existe quando se considera a família mais como objeto de pastoral do que como sujeito de pastoral. O sujeito da Pastoral Familiar é aquele que vive a vida conjugal e familiar.*
- *superar visões ingênuas que dissociam a construção da vida familiar da construção de novas estruturas sociais;*
- *direcionar esforços para a concretização de UMA METODOLOGIA que seja, ao mesmo tempo,*
- ***dialogal** - porque não pode ser uma ação pastoral de cima para baixo, mas formulada e concretizada a partir daqueles que vivem a vida familiar;*
- ***dialética** - porque se estrutura a partir dos conflitos, dos problemas e das contradições sociais que explicam e condicionam todos os relacionamentos humanos, especialmente os familiares;*
- ***e processual** - porque ela deve ser um processo de libertação das famílias e da transformação da sociedade.*

Qual a metodologia compatível com a proposta da CNBB?

Em primeiro lugar, esta proposta exige de qualquer pessoa que trabalhe com noivos e família, que *se disponha a estudar e aprofundar as questões da fé e todos os conteúdos que aparecem no quotidiano da vida matrimonial e familiar*. Pede, ainda, o conhecimento e a aplicação de metodologias participativas que oportunizem aos noivos a livre expressão, dando ênfase ao diálogo, estimulando o confronto de opiniões, desocultando valores e preconceitos, posturas e sabedorias. Metodologia que considere as experiências, a cultura e a riqueza dos participantes e parta de suas expectativas, anseios e carências.

Discussão em pequenos grupos é o instrumento mais usado por essa metodologia. Em uma relação face a face, onde todos são valorizados e individualizados, desenvolvem-se diferentes atitudes e habilidades: saber ver e escutar, acatar e respeitar diferentes percepções da realidade, aceitar as peculiaridades individuais, humildade, enfrentamento positivo e não ocultamento de conflitos e tantas outras. Os participantes se sentem sujeitos de sua fé, já que sua história é ouvida, sua caminhada é respeitada e nasce livre o desejo de aderir a Cristo, fascinante e libertador.

Nessa metodologia não existe o dono da verdade, o doutor-sabedouro, o que não tem pecados: "Quanto a vocês, nunca se deixem chamar de mestres, pois só um é o Mestre de vocês e todos vocês são irmãos" (Mt 23,8). Todos aprendem uns com os outros, pois todos têm o que dar e o que receber.

E o que dificulta a prática da metodologia participativa?

Precisamos descobrir que os maiores obstáculos estão em nós mesmos, em nossa formação e experiência humana e eclesial, que pouco ou nada têm de dialogal e de dialético, de crítico e de processual.

Necessitamos repensar e transformar nossos conteúdos e atitudes:

- Porque Jesus Cristo é a Verdade, nos sentimos donos da verdade, como se a última afirmação fosse decorrência da primeira. Isso nos faz dogmáticos, acríticos, normativos, moralizantes. O certo e o errado, o bem e o mal, são quase as únicas categorias presentes em nossa análise. O diferente nos parece ameaçador.
- Usamos e abusamos de modelos e receituários. Trabalhamos sobre o "dever ser", negando ou ocultando a realidade. Recusamos receber e amar famílias reais, com seus conflitos e suas incompletudes, quaisquer que sejam.
- Temos dificuldade em pensar dialéticamente, em relacionar o individual ao social, o micro ao macro, o concreto ao abstrato. Dificuldade de partir da prática e teorizar sobre ela, transformando essa realidade inicial em um movimento permanente de crescimento, como acontece com a dinâmica da própria vida.
- Recusamos ser dialogais, porque isso supõe crer nos outros, em sua capacidade de discernir e decidir. Porque isso significa devolver ao povo a palavra cassada, devolver-lhe o poder. Custa-nos relativizar muito de nosso discurso e acreditar que somos sempre inacabados.
- Tememos aprender a perguntar e a questionar, porque estamos acostumados a dar respostas, as quais, logicamente, supomos sempre verdadeiras.
- Somos tentados a fazer parte daquele grupo que se apoderou de Deus, e O vai distribuindo, a quem se comporte segundo seu critério.

O que dizem os noivos que vivem com emefecistas uma experiência de participação?

Impossível contar aqui tudo o que vivenciamos em Porto Alegre, já que só em 2003, passaram por nós em torno de 900 pares. Falemos apenas do que aconteceu num dos encontros: Havia 38 pares de noivos (receptionista, doméstica, segurança, construtor, médico, psiquiatra, juiz, promotor de justiça, doutores em jornalismo, em matemática e em química, mestres, arquitetos, enfim, muitos outros).

Em um dos cinco grupos, estão um catador de papel e uma babá, da ilha Grande dos Marinheiros. Fim do encontro, uma resolução tomada: dois casais, entre os quais um arquiteto, em data ali marcada, irão à moradia do papeleiro, a fim de fazer levantamento de suas necessidades. Decisão do grupo: Após esta visita, todos os participantes do grupo se reunirão para ajudar o casal.

Essa ação prática teria ocorrido, fora de uma dinâmica em pequenos grupos, onde todos pudessem expressar-se, conhecer-se e acolher-se? Onde todos estivessem refletindo e falando sobre sua vida de fé e suas práticas cristãs?

Respondendo à pergunta: "Quais foram os pontos positivos deste Encontro?", praticamente todos os casais de todos os Encontros fazem menções como: "A separação em pequenos grupos e a total liberdade de expressão, a troca de experiências entre os casais, os debates em grupo, as amizades novas, a metodologia adotada, o diálogo e a integração dos casais, a reflexão séria, o espaço para todos falarem, a riqueza de aprendizado, a atualidade dos temas com aplicação prática no cotidiano, o preparo e abertura dos coordenadores, a disponibilidade, a união e o carinho dos que trabalham".

Muitos são os que dão grande importância à descoberta do significado do sacramento do matrimônio (além de discutir em pequenos grupos, o sacramento é trabalhado por um casal, em grande grupo).

"O Encontro fez os casais refletirem a respeito da importância do casamento, da família e principalmente do Amor de Deus" (Marceléia e José Francisco).

Foi positivo: "O encontro do verdadeiro sentido do que é DEUS, amor, fraternidade, cristianismo e sacramento do matrimônio. O reencontro e redescobrimento da nossa fé". (Ana Paula, médica, e Lauro, administrador de empresa).

*Membro do MFC em Porto Alegre

"Fiz um acordo de coexistência pacífica com o tempo: nem ele me persegue, nem eu fui dele, um dia a gente se encontra" (Mário Lago).

O fogo e a brasa

Um membro de **um certo movimento**, do qual era um membro ativo, sem nenhum aviso deixou de participar de seu grupo e de suas atividades.

Após algumas semanas, o coordenador do seu grupo decidiu visitá-lo. Era uma noite muito fria. Encontrou o homem em casa sozinho, sentado diante da lareira, onde ardia um fogo brilhante e acolhedor.

Adivinhando a razão da visita, o homem deu as boas-vindas ao amigo, conduziu-o a uma cadeira perto da lareira e ficou quieto, esperando. O visitante acomodou-se confortavelmente, mas não disse nada.

No silêncio sério que se formara, apenas contemplava a dança das chamas em torno das achas de lenha, que ardiam.

Ao cabo de alguns minutos, o visitante examinou as brasas que se formaram e cuidadosamente

Alguém conhece esse tipo de esfriamento e ausência, em seu grupo ou movimento? A brasa pode voltar a brilhar?...

"O encontro da preparação com a oportunidade gera o rebento que chamamos sorte". (Anthony Robbins)

selecionou uma delas, a mais incandescente de todas, empurrando-a para o lado. Voltou então a sentar-se, permanecendo silencioso e imóvel. O anfitrião prestava atenção a tudo, fascinado e quieto.

Aos poucos a chama da brasa solitária diminuía, até que houve um brilho momentâneo e seu fogo apagou-se de vez. Em pouco tempo o que antes era uma festa de calor e luz, agora não passava de um negro, frio e morto pedaço de carvão recoberto de uma espessa camada de fuligem acinzentada. Nenhuma palavra tinha sido dita desde o protocolar cumprimento inicial entre os dois amigos.

O visitante, antes de se preparar para sair, tomou novamente o carvão frio e inútil, colocando-o de volta no meio do fogo. Quase que imediatamente ele tornou a incandescer, alimentado pela luz e calor dos carvões ardentes em torno dele.

Quando o amigo alcançou a porta para partir, seu anfitrião lhe disse: "Obrigado. Por sua visita e pelo belíssimo sermão. Estou voltando ao convívio do meu grupo. Deus o abençoe!"

(Autor desconhecido)

Justiça restaurativa

Não há como pensar fora de uma relação entre conceitos e sem uma hierarquia anterior que lhes ofereça uma "moldura". Pensamos dentro de "lugares" mentais, espaços de ordem e sentido, que organizam e limitam o entendimento. A imagem poderia ser a de alguém confinado em uma sala ouvindo música. Para ouvir outros sons - o som de uma cachoeira, por exemplo - seria preciso sair da sala pela simples razão de que não há como se imaginar um som nunca ouvido.

Esses "espaços mentais" são os nossos "paradigmas". Normalmente, quando nossas idéias não conseguem mais dar conta dos fenômenos, a tendência é reformá-las, mas dentro do mesmo paradigma. Assim, quando se acreditava que todos os corpos celestes giravam em torno da Terra ficou difícil explicar a trajetória dos planetas que pareciam ir e voltar nos céus. Criou-se, então, a "explicação" de órbitas especiais, etc. Cada vez, entretanto, eram necessárias novas explicações porque o "esquema" não fechava. O problema, na verdade, era o paradigma, como o observou Thomaz Khun no clássico "A Estrutura das Revoluções Científicas".

Pensamos "Justiça" também a partir de um paradigma. A "sala" construída pela modernidade nos diz que "fazer justiça" é punir alguém que seja culpado. A partir dessa moldura, alguns radicalizam a demanda porque a imaginam efetiva; outros, convencidos de que ela produz mais problemas que soluções, buscam formas de minimizar o uso e os efeitos das condenações. Cram "órbitas especiais", na verdade. Mas e se a idéia de "Justiça" estivesse em "outra sala"? Se ao invés de a imaginarmos como "punição daquele que praticou um mal" a pensássemos a partir da "reparação do mal causado"? Se, em síntese, pensássemos a idéia de Justiça Criminal com os pressupostos operantes na Justiça Civil?

A Justiça Criminal não funciona. Não porque seja lenta ou - em sua "opção preferencial pelos pobres" - seletiva. Mesmo quando rápida e mais "abrangente", ela não produz "Justiça" porque sua medida é o mal que oferece àqueles que praticaram o mal.

Esse resultado não altera a vida das vítimas. O Estado as representa porque o paradigma moderno nos diz que o crime é um ato contra a sociedade. Por isso, o centro das atenções é o réu a quem é facultado mentir em sua defesa. A vítima não possui qualquer papel nessa dinâmica. Sua dor não será, de fato, conhecida e o agressor jamais será confrontado com as consequências de sua ação. (O que perpetua nele todos os mecanismos pelos quais "racionaliza" o ato e diminui seu significado).

O que há de dramático e desafiador na experiência de vitimização se tornará, a um só tempo, "técnico" e abstrato porque tratado não a partir da necessidade

de reparação da dor e da prevenção do mal, mas a partir da compulsão em "punir"; ou seja: de criar nova dor.

Esse sistema têm um custo irracional - nos EUA, por exemplo, uma sentença de 5 anos de prisão por um furto no valor de 300 dólares custa ao contribuinte 125 mil dólares. Mas seu pior custo é de ordem moral. Teríamos uma vaga idéia disso se houvesse uma lista de todos os inocentes acusados e absolvidos, dos inocentes condenados e depois absolvidos, dos inocentes condenados e dos que, mesmo culpados, foram sentenciados desproporcionalmente.

No mundo inteiro, experiências com um modelo alternativo à Justiça Criminal - que se convencionou chamar "Justiça Restaurativa" - têm sido realizadas com resultados cada vez mais animadores.

Os princípios desta Justiça estão situados para além da punição e suas metas fundamentais são a reparação do mal e a sua prevenção. Uma abordagem que encerra uma promessa tão revolucionária quanto generosa. Uma boa notícia, enfim, que desperta interesse crescente também no Brasil.

*Jornalista.

Não acreditem nesses machos de antigamente...

"É mais fácil reconciliar a Europa inteira do que duas mulheres".
- Luis XIV, rei francês (1643-1715).

"Quase sempre as mulheres fingem desprezar o que mais vivamente desejam".
Shakespeare, escritor inglês (1564-1616)

Uma das coisas boas que a TV proporcionou ao grande público foi a aproximação com a música clássica. Isso no final dos anos 80, começo de 90, quando popularizou especialmente os cantores que ficaram conhecidos como Os Três Tenores, que, como se verá, quase não existiram, ou seja: Luciano Pavarotti, Plácido Domingo e José Carreras.

Os tenores

Rubens Nunes de Andrade

Barcelona é o único time que tem uma cidade!"

Carreras e Plácido não fugiram à regra, em 1984, por questões políticas, que não vêm ao caso, tornaram-se inimigos. Sempre muito requisitados em todas as partes do mundo, ambos faziam constar em seus contratos que só se apresentariam em determinado show se o desafeto não fosse convidado!

Em 1987, Carreras ganhou um inimigo muito mais implacável que Plácido Domingo; foi surpreendido com um diagnóstico terrível: leucemia! Sua luta contra o câncer foi sofrida e persistente. Submeteu-se a vários tratamentos, como autotransplante de medula óssea, além de troca de sangue, que o obrigava a viajar uma vez por mês aos Estados Unidos. Claro que nessas condições não podia trabalhar e, apesar de dono de uma razoável fortuna, os altos custos das viagens e do

Com sua arte abrilhantaram diversos eventos, até mesmo Copas do Mundo de futebol! Os três são brilhantes (o italiano Pavarotti nem tanto e, ao que sei, já se aposentou), mas vou tratar apenas dos espanhóis: o madrileno Plácido Domingo (teoricamente o mais completo, já que além de maestro, toca vários instrumentos) e o catalão, nascido em Barcelona, José Carreras (o preferido por meus ouvidos leigos).

Mesmo os que nunca visitaram a Espanha conhecem a rivalidade existente entre os catalães e os madrilenos, sendo que os primeiros lutam até por uma independência, pretendendo uma nacionalidade própria que não a espanhola.

Mesmo no futebol os maiores rivais são Real Madrid e Barcelona, que exibe em seu belíssimo Estádio, o Camp Nou, o sugestivo dístico: "Todas as cidades tem um time. O

tratamento rapidamente minguaram suas finanças.

Quando não tinha mais condições financeiras, tomou conhecimento de uma Fundação existente em Madrid com a finalidade única de apoiar o tratamento de leucêmicos! Graças ao apoio da Fundación Hermosa venceu a doença e voltou a cantar!

Claro que recebendo novamente os altos cachês a que faz jus tratou de associar-se à Fundação e, lendo seus estatutos, descobriu que o fundador, maior colaborador e presidente da Fundação, era o desafeto Plácido Domingo!

Descobriu ainda que o mesmo criara a entidade em princípio para atendê-lo e se mantivera no anonimato para não constrangê-lo a ter que aceitar auxílio de um inimigo.

O momento mais lindo e comovente entre os dois foi o encontro, imprevisto por parte de Plácido, em uma de suas apresentações em Madrid, onde Carreras interrompe o evento e, humildemente, ajoelhando-se aos seus pés, pede desculpas e agradece-o em público. Plácido levanta-o, e com um forte abraço, os dois selam, naquele instante, o início de uma grande amizade!

Certa vez, em Madrid, li uma entrevista de Plácido Domingo onde a repórter o indagava por que criara a Fundación Hermosa num momento que, além de beneficiar um "inimigo" ainda reviveu o único artista que poderia fazer-lhe alguma concorrência. Sua resposta foi curta e definitiva: "Porque uma voz como essa não se pode perder..."

*Colaboração por Internet

Mágica

Escreva num cartão o número 1089. Deixe-o virado sobre a mesa. Peça a uma pessoa para escrever numa folha de papel um número qualquer de três algarismos diferentes (exemplo: 328). Mande-a inverter o número que escolheu (assim: 823). Em seguida peça-lhe para subtrair o maior menos o menor (ou seja: 823 - 328 = 495). Agora, mande-a somar esse resultado com o seu inverso (495 + 594). O resultado será sempre 1089, mas o seu parceiro não sabe. Então mostre-lhe o número que você tinha escrito no cartão. Ele vai ficar espantado com a sua adivinhação...



Anúncio Uma mulher colocou um classificado com os seguintes dizeres: "Procuro marido". No dia seguinte, recebeu centenas de cartas: "Se quiser, pode ficar com o meu..."

Leonardo Boff*

Há um fato que faz pensar: a crescente violência em todos os âmbitos do mundo e da sociedade. Mas há um que é perturbador: a exaltação aberta da violência não poupano sequer o universo do entretenimento infantil. Chegamos a um ponto culminante com a construção do princípio da auto-destruição. Por que chegamos a isso?

Seguramente são múltiplas as causalidades estruturais e não podemos ser simplistas neste campo. Mas há uma estrutura, erigida em princípio, que explica em grande parte a atmosfera geral de violência: a competitividade ou a concorrência sem limites.

Ela vigora primariamente no campo da economia capitalista de mercado. Comparece como o motor secreto de todo o sistema de produção e consumo. Quem for mais apto (forte) na concorrência quanto aos preços, às facilidades de pagamento, à variedade e à qualidade, este vence. A competitividade opera implacável darwinismo social: seleciona os

mais fortes. Estes, diz-se, merecem sobreviver, pois dinamizam a economia. Os mais fracos são peso morto, por isso são incorporados ou eliminados. Essa é a lógica feroz.

A competitividade invadiu praticamente todos os espaços: as nações, as regiões, as escolas, os esportes, as igrejas e as famílias. Para ser eficaz, a competitividade deve ser agressiva. Quem consegue atrair mais e dar mais vantagens?

Não é de se admirar que tudo passa a ser oportunidade de ganho e se transformou em mercadoria, do eletrodoméstico à religião. Os espaços pessoais e sociais que têm valor mas que não têm preço como a gratuidade, a cooperação, a amizade, o amor, a compaixão e a devoção, ficam cada vez mais acantonados. Mas estes são os lugares onde respiramos humanamente, longe do jogo dos interesses. Seu enfraquecimento nos faz anêmicos e nos desumaniza.

Na medida em que prevalece sobre outros valores, a competitividade provoca mais e mais tensões, conflitos e violências. Ninguém aceita perder nem ser engolido pelo outro.

Competição cu Cooperação

Luta defendendo-se e atacando. Ocorre que após a derrocada do socialismo real, com a homogeneização do espaço econômico de cunho capitalista, acompanhada pela cultura política neoliberal, privatista e

individualista, os dinamismos da concorrência foram levados ao extremo. Em consequência, os conflitos recrudesceram e a vontade de fazer guerra não foi refreada. A potência hegemônica, os EUA, são campeões em competitividade, usando todos os meios, inclusive armas para sempre triunfar sobre os outros.

Como romper esta lógica férrea? Resgatando e dando centralidade àquilo que outrora nos fez dar o salto da animalidade à humanidade. O que nos fez deixar para trás a animalidade foi o princípio de cooperação e de cuidado. Nossos ancestrais antropóides saiam em busca de alimento. Ao invés de cada qual comer sozinho como os animais, traziam ao grupo e repartiam solidariamente entre si.



O combate à fome é hoje a forma mais efetiva (e urgente) para se viver a verdadeira solidariedade.

Dai nasceu a cooperação, a socialidade e a linguagem. Por este gesto inauguramos a espécie humana. Face aos mais fracos, ao invés de entregá-los à seleção natural, inventamos o cuidado e a compaixão para mantê-los vivos entre nós.

Hoje como outrora são os valores ligados à cooperação, ao cuidado e à compaixão que limitarão a voracidade da concorrência, desarmarão os mecanismos do ódio e darão rosto humano e civilizado à fase planetária da humanidade. Importa começar já agora para que não seja tarde demais.

*Teólogo, escritor.

❖ Como podemos colaborar no combate à fome e desnutrição em nossa cidade? Há algum programa de governo ou das igrejas? A Pastoral da Criança, da CNBB, oferece a fórmula e orienta a fabricação caseira da farinha multipla que está fazendo milagres contra a desnutrição nas classes mais pobres. Podemos aprender

Milho de pipoca

A transformação do milho de pipoca duro em pipoca macia é símbolo de grande transformação por que devem passar os homens para que venham a ser o que deve ser. O milho de pipoca não é o que deve ser.

Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho de pipoca somos nós: duros, quebradões, impróprios para comer. Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo, continua a ser milho de pipoca, para sempre.

Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e de uma dureza assombrosas. Só elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o mesmo jeito de ser. Mas de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos.

Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder o emprego, ficar pobre. Pode ser o fogo de dentro: medo, ansiedade, depressão, sofrimento, cujas causas ignoramos.

Há sempre o recurso do remédio. Apagar o fogo. Sem o fogo, o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação. Imagino que a pobre pipoca, fecha dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pensa que sua hora chegou, vai morrer. Dentro da sua casa dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar o destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada.

A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo a grande transformação acontece. Ploc!!! E ela aparece como uma outra coisa completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado.

Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. São aquelas pessoas que por mais que o fogo esquente se recusa a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa de o que o jeito delas serem. A sua presunção e o modo são a dura casca que não estoura. O destino delas é triste. Ficarão duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca e macia. Não vão dar alegria para ninguém.

Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo.

Colaboração: Leopoldo e Rosália MFC
Ouro Branco - MG.

Onde mora a esperança

A esperança é alimento de vida para cada pessoa e toda a humanidade.

Nenhum povo sobrevive sem esperança. Muitos tentam evadir-se da insegurança social, do desemprego e da exclusão sócio-econômica, através do futebol, do carnaval e mesmo de uma visita ao Shopping mais próximo só para olhar o que os ricos compram. Sem falar nas novelas de televisão.

Pesquisas revelam: nas grandes cidades, durante a copa do mundo, ou quando a televisão mostra final de novela, a violência diminui consideravelmente. Quando o sonho acaba, a pessoa desperta para conviver com a tragédia cotidiana da exclusão social em um mundo que, nos últimos anos, triplicou a riqueza de alguns e multiplicou por seis a pobreza de multidões. O resultado é uma humanidade mais dividida, em um planeta com o próprio sistema da vida ameaçado.

A guerra do império, sob pretexto de combater o terrorismo, para

assegurar o controle do petróleo no Oriente e manter sua supremacia, acaba por destruir o Afeganistão e o Iraque, diminuir o direito dos povos a uma informação independente e massacrar a esperança de dias melhores. Que esperança resta para os excluídos?

O futuro é o que o presente revela possível. Chama-se de "futuro" aquilo que já está latente e é previsível nas tendências do processo histórico. Esperança é outra coisa. Não se baseia em análise da realidade atual. É confiança em uma reversão da história, ou pela capacidade humana de suscitar um mundo novo através de revoluções, ou pelo caminho da espiritualidade: uma transformação das relações do ser humano consigo mesmo, com os outros, com a natureza e, para quem crê, com o próprio Deus. É promessa de libertação e não peça de tradição que legitima o status-quo. Profeta não é quem prevê o futuro, sem poder mudar o previsível. É quem empresta a palavra a Deus para renovar a esperança do povo.

Conhecer e recordar o Deus que se fez Homem e venceu a morte fortifica em nós a esperança: por mais que o mundo pareça desumano, Deus não desiste de nos



Não obstante a escuridão, a esperança é a porta sempre aberta para a luz que revela os sinais da presença divina em todo ser humano e no universo.

procurar. Revelou-se presente na pessoa de Jesus para que o reconheçamos em todo rosto humano. Crer é abrir olhos e corações, dispor mãos e pés, para testemunhar os sinais dessa presença divina em todo ser humano e no universo. Como diz

Dom Pedro Casaldáliga: "Saber esperar, sabendo, juntos, forçar o momento daquele ânimo urgente que não nos permite esperar".

*Marcelo Barros, monge beneditino, autor de 24 livros, dentre os quais o romance "A Festa do Pastor". Ed. Rede. Fax: 062-3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

- ❖ Como viver a esperança diante do volume de notícias que nos chegam pela TV e meios de comunicação, dando conta de tantos desvios éticos, da persistência das desigualdades sociais, das crises e decomposição da família?
- ❖ O que é, para o cristão, ser profeta, aqui e agora?

Que bom ter nascido no século 20...

É impressionante nos dias de hoje quando visitamos o Palácio de Versailles, em Paris, e observamos que o sumuoso palácio não tem banheiros. Quem passou por esta experiência ficou sabendo de coisas inacreditáveis.

Na Idade Média, não existiam pastas de dentes, muito menos escovas de dentes ou perfumes. Desodorantes, muito menos. Papel higiênico, nem pensar... As excrescências humanas eram despejadas pelas janelas do palácio...

Quando paramos para pensar que todos já viram que nos filmes aparecem pessoas sendo abanadas, passam desapercebidos os motivos. Em um país de clima temperado, a justificativa não era o calor, mas sim o péssimo odor que as pessoas exalavam, pois raramente tomavam banho, não escovavam os dentes e muito menos faziam higiene íntima. Os nobres tinham empregados que os abanavam, para espalhar o mau cheiro que o corpo e suas bocas exalavam com o mau hálito, além

de ser uma forma de espantar os mosquitos.

Os banhos eram tomados numa única tina, enorme, cheia de água quente. O chefe da família tinha o privilégio do primeiro banho na água limpa. Depois, sem trocar a água, vinham os outros homens da casa, por ordem de idade, as mulheres, também por idade e, por fim, as crianças.

Os bebês eram os últimos a tomar banho. Quando chegava a vez deles, a água da tina já estava tão suja que era possível "perder" um bebê lá dentro. É por isso que existe a expressão em inglês: "don't throw the baby out with the bath water", ou seja, literalmente "não jogue o bebê fora junto com a água do banho", que hoje usamos para os mais apressadinhos...

Aqueles que tinham dinheiro possuíam pratos de estanho. Certos tipos de alimento oxidavam o material, o que fazia com que muita gente morresse envenenada (os hábitos higiênicos da época não eram lá grande coisa...).

Os copos de estanho eram usados para beber cerveja ou uísque. Essa combinação, às vezes, deixava o indivíduo "no chão" (uma espécie de narcolepsia induzida pela bebida

alcoólica e pelo óxido de estanho). Alguém que passasse pela rua poderia pensar que ele estava morto, portanto recolhia o corpo e preparava o enterro. O corpo era então colocado sobre a mesa da cozinha por alguns dias e a família ficava em volta, em vigília, comendo, bebendo e esperando para ver se o morto acordava ou não. Daí surgiu a vigília do caixão.

Às vezes, ao abrir os caixões, percebiam que havia arranhões nas tampas. Do lado de dentro, o que indicava que aquele morto, na verdade, tinha sido enterrado vivo. Assim, surgiu a idéia de, ao fechar os caixões, amarrar uma tira no

pulso do defunto, tira essa que passava por um buraco no caixão e ficava amarrada num sino. Após o enterro, alguém ficava de plantão ao lado do túmulo durante uns dias.

Se o "morto" acordasse, o movimento de seu braço faria o sino tocar. E ele seria "saved by the bell", ou "salvo pelo gongo", expressão essa por nós usada até os dias atuais.

Por tudo isso, pare de se queixar de seus pequenos desconfortos e festeje a graça de ter nascido no século 20...

(Autor não identificado)

NÃO QUEIME SUA VIDA



Hoje não há mais desculpa para a imprudência pouco inteligente. Todo mundo sabe e é bombardeado por mensagens que denunciam o cigarro como uma droga destruidora. Vai gerar sofrimentos à medida em que a idade avança. É responsável por mortes prematuras e reduz a expectativa de vida. Por isso, não comece. E se começou, aposte tudo na sua libertação desse vício. Vale a pena. É possível.

VIVA SEM TABACO

Teste de História

Conte 1 ponto por cada acerto. Tente fazer pelo menos 5 pontos.

Complete o seguinte texto:

"No dia _____ (a) de setembro de _____ (b) uma explosão destruiu _____.
(c). A responsabilidade de tal ato não foi fixada com precisão até hoje, mas os _____ (d) acusaram imediatamente a _____.(e). A civilização ocidental está pronta para ser submetida a outra grande prova da sua capacidade de sobreviver ao desastre. Mais uma vez, o mundo marcha para a guerra. Os líderes mundiais não atentaram nas lições da terrível provação da última guerra e sucumbiram às tentações do poder e da cobiça. Uma das principais causas da guerra foi a adoção de uma política isolacionista pelos Estados Unidos, que não aceitaram as resoluções da _____.(f). Muitos acreditam que a posição americana é obra exclusiva dos reacionários ferrenhos e dos nacionalistas impenitentes. Espalha-se pelo mundo a convicção de que Tio Sam fora se meter no que não era da sua conta. A política da Inglaterra com respeito à manutenção da paz é quase que o oposto da política francesa. Separados do resto da Europa pelo Canal da Mancha, os ingleses não se sentem levados a preocupar-se tanto com a segurança nacional. A política partidária americana também desempenhou papel considerável no caminho para a guerra. As eleições de outubro de _____(g) foram vencidas pelos republicanos. Embora uma análise posterior demonstrasse que a maioria do eleitorado havia votado nos democratas, os votos estavam distribuídos de tal maneira que os republicanos ganharam o controle tanto do Senado como da Câmara. Foram feitas diversas tentativas para salvar a paz. Importantes intelectuais através de artigos no New York Times, desafiavam o governo norte-americano a aceitar a proposta francesa. Todas as tentativas de desarmamento fracassaram. Começou a correr o mundo a idéia de uma guerra preventiva. _____(h) anunciou que as operações militares haviam começado. Como justificativa, alegava que _____(i) já havia mobilizado e cometido atos hostis contra _____(j) e que a "bárbara perseguição" contra homens, mulheres e crianças _____(k) já não podia ser tolerada por uma grande nação".

Se você respondeu: (a) 11 - (b) 2001 - (c) o World Trade Center - (d) americanos - (e) Al Qaeda - (f) ONU - (g) 2000 - (h) Bush - (i) o Iraque - (j) os Estados Unidos - (k) iraquianas, ..errou tudo!!! As respostas certas são: (a) 18 - (b) 1931 - (c) Estrada de Ferro da Manchúria - (d) japoneses - (e) China - (f) Liga das Nações - (g) 1918 - (h) Hitler - (i) a Polônia - (j) a Alemanha - (k) alemãs. Todas as frases do texto são do livro "História da Civilização Ocidental", de Edward McNall Burns (Editora Globo, 1975), no capítulo que trata das causas da Segunda Guerra Mundial, que matou 50 milhões pessoas.



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Tome nota - novos endereços

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes,
assinaturas novas e renovações, números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Pedro e Celina Garcia - Coordenadores
Rua São João, 25 Sobre-Loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ
Tel/Fax: (21) 2629-7163 - E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas
para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel.: (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Ponto de Partida
Um passo adiante
Pés na Terra

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
O Assunto é Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br